
Warming Winter's Heart
THE KING'S ROGUES
ELIZABETH ELLEN CARTER
"Compelling...." ~ USA Today bestselling author Kathryn Le Veque


Calíope



Staff

Tradução: Pallas

Revisão Inicial: Mayse

Revisão Final: Perséfone

Leitura Final: Afrodite

Formatação: Afrodite

Sinopse

Julian Winter teve seu coração partido duas vezes.

E ele está cansado de sua família bem-intencionada tentando combiná-lo com mais uma debutante insípida.

Sua atitude em participar de uma festa de inverno é de fato gelada até ele conhecer a convidada Caroline, uma viúva com um filho pequeno.

À medida que o Natal se aproxima, Julian Winter descobre que há calor no seu coração, afinal.

Capítulo Um

30 de novembro de 1806

Londres

Maldita gardênia

O cheiro enjoativo da vela derretida misturado com o odor da flor branca preencheu a carruagem e o fez querer vomitar.

Julian Winter puxou a cortina de couro para olhar a vista.

Foi uma pretensão.

Os dias do final do outono chegaram ao fim rapidamente. Não havia vista a ser vista. O sol havia deixado o céu para trás com a mudança de cavalos.

Ele sentiu o frio através do vidro e imaginou que o ar estava fresco além dele, mas sabia que era improvável que isso fosse verdade. Eles haviam entrado nas ruas pavimentadas de Londres, se aventurando mais perto do coração da cidade e de seu rio, com sua umidade, fumaça e lixo.

Os braseiros que pontilhavam as ruas produziam tanta fumaça quanto luz. Ainda assim, atraia aqueles que não tinham casa própria para se reunir em torno de seu calor.

Como ele os invejava agora.



Um pigarro não muito sutil de dentro da carruagem interrompeu suas reflexões. Julian largou a cortina e lançou um olhar de soslaio para sua tia Harriet, que estava sentada no banco ao lado dele. Ele se perguntou o que ela faria com a filha e a amiga, mergulhada em mais perfume do que a cortesã mais ousada poderia usar.

Ele imaginou que a mulher mais velha poderia mais tarde trocar palavras com a filha e a amiga, a Srta. Lydia Stonely, sobre a maneira correta de se comportar enquanto estivesse em Londres.

Pelo menos, era o que ele *esperava.*

A prima Margaret podia ouvir, mas ele tinha certeza de que Lydia apenas prestaria elogios aos conselhos dados a ela, não importa quão bem-intencionados fossem.

Julian distraidamente passou a mão sobre o joelho. A lesão, embora curada, doía demais de vez em quando, principalmente quando o tempo mais frio começava. Pior ainda eram as lesões causadas por seu orgulho.

As mulheres que estavam sentadas na carruagem estavam cientes de seu mau humor e que já durava alguns meses.

Mas como ficariam surpresas se estivessem realmente conscientes da sua causa?

Elas acreditavam que era o resultado de um coração partido — uma rejeição da bela Alexandra Gedding, recém-casada com seu parceiro de negócios, David Manston, que recentemente recuperou seu título de visconde Carmarthan.



Na verdade, o coração de Julian estava intocado. Desde o primeiro momento em que viu Allie e David juntos — há mais de um ano — sabia que eles pertenciam um ao outro, mesmo que David levasse algum tempo para reconhecê-lo.

Não, o que o atormentava era o fato de que ele devia a Allie uma dívida que não podia pagar.

Ela literalmente salvou a vida dele em um ato de imensa coragem e posse, e, no entanto, ele estava sob ordens de nunca falar com outra alma sobre os eventos que haviam ocorrido na pequena vila mineira de Stannum, na Cornualha, quase seis meses antes.

Houve uma recompensa por seu silêncio, no entanto. Era um convite para um baile de inverno do qual o príncipe de Gales participaria. Estaria na casa de Mayfair do novo visconde e viscondessa Carmarthan e sediada em conjunto por Sir Daniel e Lady Abigail Ridgeway, amigos pessoais do príncipe.

Essa notícia, ele não conseguia guardar para si mesmo, nem era esperado. O convite recortado em papel relevo dourado chegara à sua casa em Somerset logo após o casamento de Allie e David. Tia Harriet foi rápida em anexar Margaret a ele.

Afinal, foi uma oportunidade de ouro lançar uma rede brilhante mais larga que Bath na busca de perspectivas de casamento mais elegíveis para sua filha.

Julian nunca invejaria essa prima por essa oportunidade. Mas para onde Margaret ia, Lydia nunca ficava para trás.

E esse era o problema dele.



Nos últimos dois anos, Lydia determinou que *ele* era a captura que *ela* queria enlaçar. E, apesar da inadequação que era óbvia para ele no primeiro encontro, a garota não seria dissuadida. Infelizmente, nem sua tia, o único membro de sua família com quem mantinha relações cordiais. Ela incentivou ativamente a busca de Lydia por ele na crença equivocada de que ele seria atraído por ela, mas era muito hesitante para avançar na situação.

O próprio Julian pensara erroneamente que seu trabalho como geólogo, cavando a terra, serviria para afastar Lydia de seu interesse. Depois de um ano, ficou claro que sua ocupação não importava, desde que sua renda fosse boa.

Conspirar com Allie para criar um cortejo falso funcionou por quase seis meses inteiros. Depois, alimentando com um '*coração partido*' quando ela ficou noiva de David, deu-lhe mais três meses de suspensão.

Agora, no entanto, Lydia parecia ter decidido que seu luto deveria terminar.

Daí a abundância de perfume de gardênia.

Apesar de ter nascido em Yorkshire, Julian foi criado como um cavalheiro em Londres e nunca machucaria uma moça em palavras ou ações. Mas o que fazer quando uma dama não aceita 'não' como resposta?

Relutantemente, chamou sua atenção para as duas jovens no assento da carruagem diante dele.



Margaret sentou-se em frente a sua tia. Ela compartilhou os traços de sua família — cabelos castanhos claros, olhos cinzentos e um rosto não atraente. Margaret também era uma garota bastante agradável e deveria ter uma temporada de muito sucesso, se não deixasse se levar por Lydia Stonely.

Quanto a ela, não havia dúvida de que Lydia era uma jovem atraente — seus cabelos loiros, olhos azuis e figura elegante faziam as cabeças girarem onde quer que fosse. O problema era que ela sabia *e* estava ciente do poder que seus encantos femininos podiam exercer. Isso a tornava manipuladora, e ela frequentemente tratava Margaret — sua melhor amiga — de maneira tão descuidada quanto alguns dos incômodos que tentavam ganhar favores.

Pior ainda era notar como Lydia iluminava seu sorriso e amplificava seus encantos a qualquer gentleman que demonstrasse interesse em Margaret.

Se ele, um mero homem, tinha notado um comportamento tão eminente, então por que sua tia Harriet não percebia? Certamente era tarefa da mãe educar a filha em tais assuntos.

Ah, se ao menos tia Harriet tivesse uma ideia do porquê ele não se incomodara em acompanhar duas moças em sua primeira temporada em Londres.

Ele sorriu ao pensar em acompanhar Lady Abigail e Lydia. Nada escapava da atenção *daquela* mulher afiada. Ela veria através dos truques de Lydia em um piscar de olhos. Felizmente pagaria um bom dinheiro para ver o inevitável estabelecido.



— Algo te diverte, meu querido Winter?

A expressão de Lydia era como se a manteiga não derretesse na boca — em benefício da tia Harriet, sem dúvida. Julian decidiu ser distante e educado.

— Estou satisfeito por estar perto do nosso destino, Srta. Stonely.

E, de fato, eles estavam perto. Do lado de fora, ele podia ouvir o som de outras carruagens se aproximando da estalagem. O barulho de rodas, o barulho de cascos, os gritos de cocheiros, chefes de estábulos, cavalariços e forasteiros, tudo ficou mais alto.

O barulho que despertou Margaret de meio cochilo. Também animou tia Harriet.

— Eu acho que você está sendo terrivelmente desagradável, Julian, — a matrona reclamou. — A família tem uma casa própria perfeitamente boa; não há necessidade de se impor aos seus amigos.

— De fato, acredito que você esteja certa, minha querida senhora, Erskin — Lydia falou com deferência exagerada. Um brilho nos olhos disse a Julian que achava a coisa toda bastante divertida. — Por que você não escuta sua tia, Winter?

— Tenho negócios a realizar nos próximos dias e é muito mais conveniente para mim ficar com o visconde Carmarthan, — explicou. — Além do mais, tenho certeza de que vocês têm os preparativos que desejam fazer antes do baile.



— Mas Julian, — disse Margaret, agora entrando na conversa, — você conhece Londres tão bem e *nós* não. Estávamos contando com você para ser nossa escolta.

Julian permitiu que seu sorriso se ampliasse.

— Você não ficará presa, prima. Arranjei para Lady Abigail apresentar-lhe as modistas mais elegantes. Ela abrirá portas que eu não posso.

Suas palavras atingiram a marca com sua tia e prima. Todas as três mulheres foram apresentadas a Lady Abigail, madrinha de Allie, uma vez antes em uma festa na Stannum House. Margaret soltou um pequeno grito de alegria, enquanto Harriet se sentava mais ereta e arrumada, claramente satisfeita por ter conhecido tal personagem.

Lydia, no entanto, o considerava com especulações abertas, uma cor clara em suas bochechas, sugerindo que ela estava satisfeita com o acordo, mas suspeitava dos motivos dele.

Deus ajude o homem que decidir perseguir essa criatura inconstante.

A carruagem deles parou. Um cocheiro abriu a porta e Julian respirou fundo. O ar frio e úmido que vinha do rio trazia o cheiro de fumaça, urina de cavalo e culinária rançosa, mas a mistura excêntrica era um aroma mais prazeiroso para ele do que o perfume de gardênia.

Suas companheiras de viagem não pensavam assim. Tia Harriet colocou um lenço no nariz. Margaret puxou ainda mais o capuz da capa. Lydia torceu o nariz levemente, como se esse odor desagradável estivesse sob seu conhecimento.



Julian desembarcou, ajudando sua tia a descer primeiro. Lydia foi a última a sair da carruagem e tentou segurar a mão dele mesmo depois que seus pés estavam firmemente no chão.

— Venha, — Margaret chamou. — Está frio aqui fora, e eu quero comer alguma coisa antes de continuarmos!

Julian não tinha pressa de se juntar a elas. Ele ficou do lado de fora, recusando-se a deixar o frio. Ele respirou fundo. O cheiro era forte, mas ainda era preferível ao perfume de Lydia.

As carruagens Hansom de aluguel estavam esperando para pegar as tarifas dos que lotavam as ruas do lado de fora da pousada. Ele pegou o relógio de bolso e olhou. A luz da lâmpada a gás revelava que se passava um pouco das oito horas. Eles haviam se divertido, considerando tudo.

Depois de enviar um mensageiro para a casa da família pedindo que providenciasse o transporte das senhoras e suas bagagens, e outro para o visconde Carmarthan, havia poucas razões para ficar do lado de fora, além da relutância em estar *lá dentro.*

Ele flexionou a perna. Estava enrijecendo no frio. Ele assistia mendigos, prostitutas e batedores de carteira fazendo seus negócios ao redor de uma hospedaria movimentada. Havia acordos sendo feitos por gente mais ou menos honesta; comerciantes escolhendo o primeiro dos produtos antes da abertura dos mercados pela manhã.



Ele não tinha ideia do porquê, mas notou o garoto. A criança não passava de um diabrete, entrando e saindo pelas pernas daqueles que andavam por ali.

Ninguém parecia estar perseguindo-o e, no entanto, ele se movia com um propósito.

Infelizmente, ele também parecia indiferente à sua própria segurança. O rapaz se aproximou. Ele parou um momento e olhou para o que ele segurava na mão. Julian teve um vislumbre também, antes que o garoto fechasse seus dedos com força novamente. Uma moeda de prata brilhante. Agora, a intenção do jovem era clara. Ele estava procurando uma refeição para si mesmo.

A criança saiu correndo quando a carruagem e quatro carroças se aproximaram. Um dos cavalos empinou. Em algum lugar na multidão, uma mulher gritou. O garoto parou e olhou para ela, ignorando o perigo real diante dele.

Sem pensar, Julian avançou, ignorando o joelho dolorido e pegou o menino nos braços. Ele se inclinou para suportar o peso do que estava por vir.

Graças ao bom Deus e às habilidades do cocheiro, ele sentiu apenas um toque dos cascos dianteiros do cavalo, quando mergulhou de cabeça e rolou a si mesmo e ao rapaz em perigo. A queda sobre os paralelepípedos duros sem dúvida deixaria um machucado ou dois, mas as coisas certamente poderiam ter sido muito piores.



Levantando-se, Julian examinou o garoto. Ele tinha cerca de quatro anos de idade. O menino olhou para ele com os olhos arregalados, mas parecia não ter se machucado.

— Luke!

O garoto se virou ao som do nome dele.

Julian levantou-se e reprimiu um gemido.

Sim, certamente existem contusões.

Uma jovem bem vestida abriu caminho através da multidão. Atrás dele, o cocheiro compartilhou algumas palavras particularmente bem escolhidas. A mulher levantou a cabeça na direção do cocheiro, as luzes da carruagem iluminando seus traços finamente proporcionados. Ela era mais velha do que Julian originalmente pensara, mais próxima da idade dele do que de Margaret.

Ela suportou a censura sem comentar. O cocheiro, tendo dito o que queria, seguiu em frente, resmungando baixinho.

— Luke.

O garoto recuperou a razão e correu para os braços da mulher. Os olhos dela, escuros em uma tez clara, ainda não haviam saído de Julian, e quaisquer palavras de raiva que ele pudesse ter acrescentado às do cocheiro morreram em seus lábios.

— Obrigada por salvar meu filho, — disse ela, sua voz bem modulada, seu sotaque refinado.

— Você é a mãe dele? — Ele não pôde evitar um tom de incredulidade em sua pergunta.



A multidão que se reuniu para testemunhar o acidente se afastou, deixando apenas os três. E como ninguém mais reivindicou o pequeno imundo, Julian supôs que a pergunta por si só se respondesse.

— Obrigada, — a mulher repetiu. Ela o olhou de cima a baixo com uma careta.

Julian olhou para si mesmo e percebeu que fedia a mijo de cavalo agora mais do que o ar. Ele olhou de volta para a mulher.

— Eu... eu sinto muito por suas roupas. Se você gentilmente enviar a conta para...

— Julian! Julian! Meu pobre querido!

Ele fez uma careta ao ouvir a voz de Lydia? Ele deve ter feito isso porque os lábios da mulher misteriosa se curvaram para cima antes de recuperar uma expressão neutra.

— Envie para a Missão de St. Luke, senhor. Farei com que você seja recompensado.

Não houve tempo para reconhecer a oferta além de um aceno de cabeça antes que a onda de perfume espesso e cremoso de gardênia o envolvesse novamente.

— Julian! Eles disseram que houve um acidente!

Ele se virou ao som da voz de Harriet se unindo à voz de Lydia.

— Não estou ferido, tia, — ele assegurou. — Eu estava apenas ajudando a senhora...

Ele voltou. A mulher e a criança se foram.

Capítulo Dois



CAROLINE LEVOU LUKE A distância e ousou olhar para trás.

O homem que o salvou — *Julian* — estava cercado por três mulheres, duas das quais pareciam parentes.

A outra... bem, ela parecia a amante do homem.

Ela até cheirava como uma.

Caroline torceu o nariz.

Agora isso foi completamente maldoso.

Ela reconheceu o pensamento pelo que era uma deflexão contra sua própria culpa ao perder de vista a criança. Ele esteve ao seu lado em um momento e se foi no seguinte. Ele era um garotinho de vontade forte.

Graças a Deus o cavalheiro foi rápido o suficiente para salvá-lo de ferimentos ou coisa pior. A mão de Caroline apertou a do garoto enquanto atravessavam a rua ainda movimentada, longe da estalagem.

Sua reivindicação de ser mãe de Luke saiu naturalmente de seus lábios antes que ela pudesse dizer a verdade. Mas o cavaleiro de armadura brilhante não acreditou nela. Ela viu e ouviu — e ele estava certo.

Ela orou pedindo perdão por sua meia mentira — afinal, que mal poderia causar? As chances de ver o homem novamente em uma cidade tão grande quanto Londres seriam ínfimas.



À frente, ainda havia luz nas janelas da cozinha da Missão de St. Luke. Ainda era cedo para os padrões do lugar. O reverendo Alfred Camp e seus trabalhadores distribuíam refeições quentes e arrumavam uma cama para aqueles que não podiam suportar uma noite ao ar livre no frio.

Ela entrou com Luke por uma das portas laterais e a fechou atrás dela. A esposa do vigário, Patrícia — Patty para os que estão perto dela — os viu imediatamente.

A Sra. Camp era uma mulher pequena, em contraste com o marido muito mais alto e corpulento, mas tinha uma energia nervosa que se traduzia em boas obras para os moradores desse bairro.

— Ah, aí está você! — Disse a mulher mais velha, gentilmente. — Eu pensei que você tivesse levado esse pequeno para a cama.

Caroline estava sem fôlego, mas forçou uma explicação.

— Lu... Luke levou um escorregão antes de chegarmos aos estábulos... e quase foi atropelado

Apesar do calor do salão, de repente ela sentiu frio. As mãos dela tremeram.

A Sra. Camp franziu a testa por um momento. Ela entregou o avental para outra pessoa e gentilmente levou Caroline à uma parte tranquila do salão.

— Você teve um choque, não é? Venha sentar aqui um momento.

— Ela precisa de um pouco de conhaque, é verdade, — observou O'Toole, um dos frequentadores da Missão.

— *Ela* precisa, mas não haverá conhaque absorvidos aqui.

— Mais é uma pena, — o vagabundo resmungou.

Apesar de sentir-se tonta, Caroline ainda podia sorrir com a troca de palavras. Ela sentou no banco onde a Sra. Camp a colocou e puxou Luke para o colo.

O garoto estava quieto, esperançosamente castigado por sua experiência. Ele se estabeleceu contra o peito dela.

Um momento depois, um copo de leite quente foi colocado em suas mãos. Ela tomou um gole e ofereceu o copo para Luke. O garoto balançou a cabeça em recusa. Caroline terminou o resto, satisfeita ao ver sua mão agora firme enquanto colocava o copo no banco ao lado dela.

— Você poderia mandar alguém para a pousada e pedir ao meu cocheiro para vir aqui, por favor? — Ela perguntou à Sra. Camp.

O'Toole levantou-se, suas roupas muito grandes, mal escondendo uma estrutura rústica. Nem uma barba branca acinzentada disfarçava as bochechas afundadas do homem.

— Eu vou por você, senhorita, se for boa em uma ajuda extra nesse pudim.

— Uma *boa* recompensa por uma boa ação, — respondeu a Sra. Camp.

O'Toole saiu, deixando Caroline sob o escrutínio da mulher diante dela.

— Você já faz o suficiente por nós. Não há necessidade de você estar aqui todas as noites, especialmente desde que você decidiu assumir a responsabilidade por este pequeno, — disse ela.

— Não é incomodo, honestamente não é. Eu gosto de ajudar de uma maneira mais direta do que simplesmente dar esmolas.

— Se mais pessoas tivessem metade da sua generosidade, o mundo seria um lugar muito melhor, de fato. — A esposa do vigário abaixou a voz para evitar ser ouvida. — Você também tem responsabilidades *fora* deste lugar que também merecem sua atenção.

Caroline fechou os olhos por um momento. A Sra. Camp estava certa.

— Eu sei, mas...

— Chega de suas desculpas, minha querida. Você pode pensar que não sabemos a extensão total do que você faz, mas o reverendo e eu temos olhos em nossas cabeças.

Havia pouco sentido em discutir. Caroline só perderia. Ela ofereceu um aceno vazio. Foi devolvido com um sorriso antes que a mulher mais velha voltasse às suas tarefas na cozinha.

— Senhorita... sua carruagem chegou.

Caroline ofereceu a O'Toole um sorriso cansado e se levantou. Ele pegou Luke dos braços dela e a seguiu até a carruagem preta que esperava na esquina, grande demais para se virar na estreita passagem.



Se o homem se perguntava o que a “Srta” estava fazendo ao entrar em uma carruagem particular, ele era muito educado para dizê-lo. Se ela era considerada excêntrica, que assim fosse. Apenas o reverendo e a Sra. Camp sabiam a verdade.

Enquanto O'Toole deitava a criança cansada no banco, um lacaio a ajudou a entrar na carruagem. Quando se afastou, ela viu O'Toole se arrastando rapidamente de volta à missão para receber sua boa recompensa.

O veículo fez o seu caminho pelas ruas do mercado de Londres, mesmo a esta hora cheia de comerciantes e compradores que queriam encomendar mercadorias para o Natal. A jornada não era longa, apenas oito quilômetros até seu endereço do bairro de moda em Mayfair, onde ela não seria mais uma ‘senhorita’, mas Lady Caroline Lavene, viúva de Lorde Tristan Lavene.

Ela puxou o capuz de seu casaco verde floresta e removeu a touca branca que cobria seus cabelos ruivos, massageando seu couro cabeludo para aliviar uma dor de cabeça enquanto observava o garoto adormecido à sua frente.

Luke era uma resposta a uma oração. Seu falecido marido era um homem rico e independente, com propriedades não vinculadas ao título, e tudo se tornara dela sem condição. Tristan deixou para ela tudo o que ela poderia desejar — exceto um filho próprio.

Tornar-se viúva após apenas cinco anos de casamento foi um choque. Ela ficou de luto profundo pelo marido o ano inteiro depois que ele morreu após uma curta doença. Após os primeiros doze meses, ela

deveria voltar novamente a sociedade, mas o mundo parecia um lugar diferente, e ela não sabia mais o que fazer.

Tornara-se fácil demais recuar.

O turbilhão social à margem da *ton* havia perdido seu apelo. A obsessão por silhuetas da moda e cortes de cabelo, ou se loiras ou morenas seriam a tendência nesta temporada, parecia nada além de bobagens frívolas. Então, um ano e outro haviam passado tão facilmente que seu trigésimo aniversário chegou e passou sem reconhecimento.

Foi Luke quem a trouxe de volta ao mundo.

Ela estava passando pela igreja de St. Luke um dia quando viu a criança sentada desolada nos degraus. Ele não podia ter mais de dois anos de idade. Antes que Caroline percebesse, ela ordenou que sua carruagem parasse.

Ali, ela conheceu o reverendo e a Sra. Camp, o vigário de St. Luke e sua esposa. Não conheciam a criança, nem nada de seus pais. Ele simplesmente havia sido abandonado. Bem, o que ela poderia fazer além de levar a criança para casa? Somente até que as perguntas pudessem ser feitas, é claro.

Depois de alguns dias, parecia bobagem continuar chamando-o de “criança”, então Caroline o havia chamado de Luke, em homenagem à igreja.

Esse tinha sido o começo de sua queda.

Se ela tivesse deixado as coisas assim, realmente fizesse perguntas e simplesmente devolvesse a criança à igreja, se as investigações se mostrassem frutíferas, então seu coração ainda

poderia ser seu. Mas, quanto mais Luke permanecia com ela, mais ligada a ele se tornou. Alguns dias se tornaram alguns meses, um ano se tornou dois. E agora ela o amava como se ele fosse filho de seu próprio corpo — o único filho que ela teria.

E, hoje à noite, ela quase o perdeu.

A carruagem diminuiu quando o cavalo entrou na entrada. Caroline pegou a pulseira de couro pendurada na lateral do veículo para se sustentar enquanto este se balançava. Luke não se mexeu no banco oposto. No momento em que a carruagem parou embaixo da *porte cochere*[1], ela estendeu a mão e tocou sua bochecha macia e quente.



Ele era o milagre que ela precisava e não sabia como pedir. Ele ajudou a dar sentido e propósito à vida dela, afastando-a da tristeza e da solidão de sua viuvez e apresentando-a à sua segunda família na Missão de St. Luke.

A porta se abriu e um velho surgiu, robusto, contra o frio. Fordyce era seu mordomo. Ele levou Luke para dentro da casa e a seguiu pelas escadas até o quarto ao lado dela.

A Sra. Stewart, a babá, uma gordinha de cabelos brancos, esperava e se levantou do tricô quando entraram. Ela já havia separado o traje noturno da criança e ajudou Caroline a vesti-lo e colocar Luke na cama.

Lady Levene administrava uma casa pouco convencional. Como ela não tinha intenção de retornar ao turbilhão social, não se importava se uma mesa formal não fosse mantida ou se houvesse conversa de canto enquanto os criados trabalhavam? Muitos dos que estavam sob

seu teto eram pessoas indicadas pelo reverendo Camp, e que haviam passado por dificuldades.

Em Luke, *ela* teve uma segunda chance de viver; como poderia deixar outra pobre alma sem a mesma oportunidade, se ela poderia proporcionar?

Como se tornara costume, uma vez que Luke foi para a cama, a escrivaninha em sua sala de estar estava iluminada com velas. Aqui, ela tinha mais uma tarefa a completar antes de se recolher, mais uma coisa que podia fazer para melhorar o número de pessoas que tinham pouco.



Os Camps sabiam quem ela era e muito a seu respeito, mas não sabiam sobre *esse* empreendimento, pois ainda seria lançado aos olhos do público. Faria isso amanhã e ela esperava que isso não levantasse sobrancelhas.

O Argus não era o periódico habitual dos habitantes londrino comuns. Era o lido pelos parlamentares e pelos que estavam sentados na Câmara dos Lordes. Era a fonte de registro do Beau Monde, um espelho refletindo *suas* vidas e interesses.

Agora estava prestes a começar a publicar algo um pouco diferente em suas páginas.

Ela olhou para a pilha de papéis à sua direita. Levou toda a coragem dela para se impor ao editor pela dívida que ele devia a lorde Tristan e ele ficou relutante ao ouvir o preço do pagamento. Mas, depois de um pouco de persistência de Caroline, ele concordou em marcar um advento de Natal de um tipo diferente.

Vinte e dois dias e onze histórias de dificuldades e esperanças sobre homens e mulheres que estavam com muita frequência sob o

aviso daqueles que poderiam dar um pouco para melhorar a vida de seus semelhantes.

Cada história que lhe foi contada vinha daqueles que haviam encontrado refúgio na Missão de St. Luke. Suas histórias a haviam tirado das profundezas de sua própria depressão, lembrando-a de que, apesar de sua própria perda, ela tinha muito a agradecer.

A conselho do editor do *Argus,* ela deveria usar um pseudônimo em vez de seu próprio nome. Estranhamente, tinha lhe dado coragem para ser mais ousada e sincera em suas palavras, algo que ela nunca teria feito sozinha.

Esta noite, véspera da publicação do primeiro artigo, ela escreveria o último da série. Do maço à direita, retirou o primeiro dos contos para ler novamente, um lembrete de sua missão de esperança:



Quão fácil é ignorar o que está bem à nossa frente, se não for conveniente perceber.

Enquanto alguém pode reclamar da cozinheira pela pequenez dos pudins de ameixa ou pela pouca carne que se encontra no ganso, considere que suas bênçãos já tenham sido dadas e você está sendo ingrato por elas.

Pois muitos ficariam encantados ao saborear um pudim de ameixa com sabor de conhaque ou saborear uma fatia de carne cortada do peito do ganso.

Mas esse desejo e sofrimento parecem invisíveis para as pessoas que têm muito, e sentem-se no direito de ser duros quando não têm mais.



A época do Natal está chegando, onde os piedosos e ímpios sentam entre nós nos bancos da igreja e lembram o Nascimento do Senhor da Criação, que se humilhou para nascer como um bebê pobre.

Não podemos fazer o mesmo? Humilhar-nos de nossas posições elevadas para ver o mundo pelos olhos daqueles que nada têm?

Somos informados de que a caridade começa em casa, mas quando nossas casas já estão cheias de comida, bebida e prazer, não podemos ampliar nossos corações e olhar além do nosso próprio limiar?

A caridade pessoal, combinada com leis equitativas para proteger os mais vulneráveis em nossa sociedade, é uma causa justa em torno da qual todos os homens bons deviam se unir.

Caroline assentiu com satisfação. Falar com clareza era o que era necessário. Seguia seu primeiro conto — a situação dos jovens forçados a trabalhar enquanto as chaminés precisavam ser varridas.

A missiva foi concluída com seu pseudônimo escolhido: *The Nightingale.*

Ela sorriu com o nome. Pareceu apropriado. Ela era uma pequena voz chamando atenção para aqueles que estavam na escuridão e necessitados.

Ela colocou uma nova folha de papel à sua frente, abriu o tinteiro em miniatura e começou a escrever...

Capítulo Três



JULIAN ACORDOU E perguntou por que tudo doía. Então ele se lembrou. O olhar surpreso no rosto do garoto quando ele o pegou em seus braços, a proximidade do casco que o roçava, as contusões quando caíram nas pedras...

Mas principalmente ele se lembrava do rosto da mulher que veio reivindicar o garoto.

Seus olhos castanhos emoldurados por sobrancelhas finamente arqueadas eram o que restava nele. Então sua voz, quente e culta, contrariava o vestido e a capa bastante elaborados. Uma governanta? Se sim, por que ela saiu tão tarde com a criança?

Soltando um gemido, ele rolou para uma posição sentado na beira da cama. Ele esfregou o rosto, sentindo os novos restolhos da manhã.

Uma lasca de luz apareceu nas grossas cortinas azuis que cobriam a janela. Ele dormiu até mais tarde do que planejara.

Ele chamou um valete enquanto cuidava de seus assuntos pessoais mais prementes. Quando colocou a navalha e o sabonete para se lavar, dois criados entraram, um com uma grande jarra de água quente, o segundo com uma bandeja com um bule de chá com a edição matutina do *periódico Argus* debaixo do braço.

— Bom dia, senhor, — disse o ancião dos dois homens.

— Que horas são? — Ele perguntou.

— O visconde Carmarthan deixou instruções para você dormir o quanto quisesse, senhor. Atualmente é pouco depois das nove horas.

Não era tão tarde, então.

Os criados foram embora. Julian se despiu, observando no espelho as contusões escuras ao longo de sua coxa e procurando atrás dele, encontrou a forma distinta de um casco as suas costas. *Isso,* ele nem viu no momento...

Ele desejou ter tido a oportunidade de conversar com a mulher e a criança, mesmo que apenas a repreendesse por ser tão descuidada.

Mas havia algo errado no par que ele não conseguia identificar. Se a criança *era* dela como ela alegara, Julian se perguntava sobre o pai, porque não havia nada *dela* que ele pudesse ver no pequeno rapaz.

Ele balançou a cabeça e continuou vestindo a roupa. Não havia sentido em prosseguir com o assunto; ele nunca mais os veria. Além disso, ele tinha coisas importantes a cumprir, como a primeira reunião geral anual de mineração de cobre da Wheal Gunnis Copper Mining Company.

Havia apenas boas notícias daquele trimestre. O filão que descobriram tinha sido mais promissor do que os testes preliminares revelaram. Todos os acionistas deveriam receber um dividendo no ano novo, o que era notável para uma empresa tão nova.

Se a reunião fosse discutir isso somente, ele poderia muito bem ter ficado em Somerset e ter desistido do convite para Londres. Mas o verdadeiro proprietário da Wheal Gunnis, Phillip Gedding, irmão de



Allie, a nova viscondessa Carmarthan, queria discutir o pagamento de alguns pequenos investidores. Seu plano era trazer a empresa de volta às mãos de seus três acionistas originais — Gedding, o visconde e ele próprio — e ele era o último a chegar.

Julian espalhou as folhas do periódico na cama enquanto terminava de se vestir.

Então, quem estaria oferecendo o cobre hoje?

Parte de um item de opinião chamou sua atenção.

... que crianças de até seis anos estejam sendo expostas a perigos como as doenças decorrentes da fuligem. Varredores de chaminé mais jovem de onze anos têm sido conhecidos a sofrer câncer por limpar as chaminés...

Uma batida forte na porta quebrou sua concentração.

— Entre.

— O visconde pergunta se você vai se juntar a ele e à viscondessa no café da manhã.

Julian escondeu um sorriso, *visconde...* no ano em que conheceu David, o homem nunca pediu formalidade. *Inferno,* passaram seis meses para que ele soubesse que o homem *tinha* um título. Julian o encontrou na sala de jantar com Allie na frente dele.

Ele nunca havia pensado muito em ser pego na ratoeira do pároco, mas desde o casamento desse casal, ele começou a pensar cada vez mais sobre isso e a ideia de se casar, de compartilhar sua vida com uma mulher que pudesse se interessar por seu trabalho e alguém que gostaria de algo mais do que uma vida de excitação social na cidade.



Ver David e Allie juntos agora e os olhares carinhosos que eles compartilhavam na mesa de jantar apenas reforçavam essa noção.

Sim, ele não estava muito orgulhoso de admitir, mas queria uma esposa.

Mas o rosto de Lydia veio a ele espontaneamente. Um calafrio desceu por suas costas e ele não se conteve na careta que cruzava seu rosto.

Apesar da aparência da garota, não havia dúvida de que um casamento entre eles seria de infelicidade. Ser justo com o rosto e a forma não era uma compensação suficiente por estar preso a alguém tão superficial e caprichosa quanto ele sabia que ela era.

Ele esperava que Lady Abigail pudesse trabalhar sua mágica e talvez encontrar para garota um senhor de cabeça igualmente vazia com quem ela se casasse.

Enquanto isso, ele queria alguém que fosse uma parceira, uma *ajuda a encontrar.*

— Bem, você vai ficar no limiar o dia todo, ou vai entrar? — Disse David com exasperação amigável. — Como você está hoje, Winter? Você parecia bastante chateado ontem à noite.

— Melhor depois de uma boa noite de sono, — respondeu Julian, servindo-se de uma quantidade generosa de presunto, ovos e torradas.

— Poderia ter sido sério, — disse Allie. — Você teve sorte de não ter quebrado um osso ou coisa pior.

Julian sentou-se.



— Parece que tenho a pior sorte em torno de mulheres bonitas, como você bem sabe. — Ele ofereceu à anfitriã um sorriso depreciativo e recebeu um sorriso simpático em troca.

— Você deve deixar a partida comigo, — disse ela. — Há várias jovens muito qualificadas participando do nosso baile.

— Não pense que ela não quis dizer isso. Eu vi as listas de convidados — David disse, um brilho nos olhos mostrando que seu amigo estava se divertindo um pouco demais às suas custas.

No entanto, Julian suportou as nervuras com bom humor. Afinal, se havia alguém que entendia as armadilhas de sucumbir à pressão da família, era David. Roubara dez anos da vida do homem. Julian não pretendia cometer o mesmo erro.

Tudo bem, ele faria seus próprios divertimentos. Poderia haver um jogo de cartas no White's após a reunião do conselho, e Julian não pretendia perder.

Ele levantou uma xícara de chá em saudação.

— Tudo o que Allie e sua madrinha possam fazer para frustrar as esperanças de minha tia e da ambiciosa Lydia de estar comigo, Manston.

Allie torceu o nariz.

— Poupe um pensamento feliz para mim. Enquanto os senhores se despedem para desfrutar de uma produtiva reunião do conselho, vou a 'casa' de Lady Abigail para dar as boas-vindas a sua prima e a amiga dela.



— Tenho certeza de que uma viagem às modistas, aos moinhos e aos joalheiros fornecerá uma compensação adequada, — brincou David.

— Você saberá como o dia será pelo tamanho das contas que eles lhe enviam, — ela retrucou.

Seu marido estremeceu e murmurou algo sobre falência.

Julian observou a brincadeira humorística e afetuosa entre seus amigos e lutou contra o pequeno nó de... *ciúmes,* não, nada tão grosseiro quanto isso, mas *inveja.* Como alguém poderia capturar e imitar aquela centelha de romance, aquela *união* que ele testemunhou em seus dois amigos? Como ele podia encontrar algo assim para si mesmo?

Assim que foi deixado, ele se serviu de mais chá e pegou o periódico e encontrou o artigo que começara a ler.

O câncer é uma forma menos óbvia, mas não menos perigosa, de doença industrial. Muitos perigos são mais óbvios para os olhos. As infecções por arranhões causadas por pedras ásperas no interior da chaminé — ou até queimaduras se a chaminé for acesa — são múltiplas, pois esses garotos geralmente são obrigados a cumprir suas tarefas.

Imagine o horror de ficar preso em uma chaminé, incapaz de esticar um braço ou uma perna, na escuridão e com o terror de morrer em um lugar desses? Ou uma criança caindo para a morte de uma grande altura?

As leis são desesperadamente necessárias para impedir a exploração de crianças, algumas das quais começam seus trabalhos a



partir dos seis anos de idade, órfãos e crianças das casas pobres favorecidas por seu tamanho reduzido.

A pior ofensa de todas é que não é necessário que as crianças sejam exploradas. Dispositivos inventados como o scandiscope[2] deveriam acabar com a necessidade de trabalho físico — especialmente em condições tão perigosas — e, no entanto, muitas de nossas famílias importantes não pensam em prestar um serviço tão simples.

Julian continuou a ler. O escritor não apenas implorava pelo aprimoramento das leis, mas pedia aos bons cidadãos de Londres que considerassem o que eles poderiam fazer pessoalmente para aliviar o sofrimento.

Pois há um tempo para render a César, o que é de César e a Deus que é de Deus, mas isso nunca deve significar que um deve favorecer ao outro; o mundo temporal e o espiritual precisam trabalhar juntos para o benefício de toda a humanidade.

Julian voltou ao início do artigo para encontrar o nome do autor de uma prosa tão apaixonada e estava lá, abaixo da manchete, em um tamanho muito menor:

The Nightingale[3].

CAROLINE ESTAVA DE PÉ e vestida às oito horas.



Ela olhou para Luke, que continuava dormindo profundamente e instruiu a Sra. Stewart a deixá-lo dormir o tempo que ele quisesse.

Quando ela o encontrou nos degraus de St. Luke, ele tinha idade suficiente para andar, mas não para falar além da tagarelice infantil. Desde então, o garoto prosperou. Ele era uma criança aberta e curiosa e Caroline ficou encantada ao ver o quanto ele havia se desenvolvido.

Acima de tudo, ele amava sua arca de madeira e podia nomear todos os animais que ele colocava em uma linha reta, colocando igual, dois a dois em uma marcha em direção ao grande barco.

Por mais que ela adorasse ter Luke, ela logo teria que considerar o futuro dele. Ele precisaria de um tutor. Ele precisaria ser introduzido na sociedade, bem como fazer amizade com outras crianças da idade dele.

Mas havia o atrito.

Ela não podia dizer que era seu filho próprio. Ela era viúva há muito tempo. No entanto, se ela o anunciasse como adotado, ele seria visto para sempre como um filho de caridade, para ser lamentado, em vez de um menino para ser levado em consideração por seus próprios méritos.

Caroline balançou a cabeça. O amanhã teria que se cuidar.

O primeiro de seus artigos para *The Argus* seria na edição da manhã. Ela controlou a emoção atendendo à correspondência, mas, depois que isso foi feito, ela se perguntou se deveria enviar um de seus criados aos vendedores de jornais.



Talvez ela mandasse depois de uma segunda xícara de chá...

Uma batida na porta da frente a interrompeu. Caroline ouviu a voz familiar do reverendo Camp.

Ela saiu da sala a tempo de ver Fordyce entregar um grande pacote de papéis do vigário.

— Bom dia, minha querida! — Disse o reverendo Camp com familiaridade calorosa. — Eu sabia que você estaria acordada e minha querida esposa aconselhou a não chegar muito cedo à sua porta, mas eu sabia que você estaria mais interessada em ver isso.

Ele entregou a ela uma cópia de um periódico. *The Argus.*

— Veja o artigo aqui no periódico, é tudo sobre o que falamos, sobre a saúde e as chaminés, o bem-estar das crianças. É maravilhoso! E tão perto do Natal também, quando as pessoas estão mais inclinadas a voltar seus corações à caridade.

Caroline lutou contra um coração acelerado. Ele reconheceria que havia mais do que isso?

Ela se ofereceu na Missão de St. Luke e conhecia as histórias de muitos dos frequentadores.

Como ele...

Ela não disse nada, mas observou o reverendo Camp e viu o momento em que ele reuniu os fatos.

Ele olhou novamente para o artigo, com o rosto radiante. Então sua sobrancelha se franziu em pensamento diante de seus olhos lentamente para encontrar os dela.



— Isso é *seu*? *Você é* o *Nightingale?*

Ela assentiu e prendeu a respiração, não confiando em si mesma para falar.

O reverendo e sua esposa tinham sido tão gentis que odiaria perder a amizade deles. Mas havia muito a ser feito e essas pessoas e seus gentis paroquianos não podiam fazer muito por conta própria.

Ela deveria pedir desculpas? Tentar de explicar suas ações?

Um momento depois, o ministro piscou sua surpresa e começou a sorrir.

— Longe de mim afastar a mão da Providência!

Ele apontou para trás, onde um Fordyce confuso ainda segurava uma pilha de papel.

— Seu amigo do *The Argus* chegou ao ponto de imprimir *panfletos!* Eles pedem que deputados e cidadãos apoiem as novas leis sobre trabalho infantil. Mais do que isso, ele parece ter entregue várias *centenas* deles nas paróquias por toda Londres!

Caroline pegou uma de Fordyce e examinou-a. As palavras eram dela, apenas em letras maiores, com uma chamada para escrever para um membro do Parlamento.

— Eu... eu não sei o que dizer, — disse ela. — O que vamos fazer com tudo isso?

— Eu tenho apenas a sugestão, — disse o reverendo Camp, seus olhos brilhando maliciosamente. — Vou providenciar para que nossos assistidos distribuam no Hyde Park.

Capítulo Quatro



JULIAN OLHOU PARA FORA da janela do segundo andar do escritório na cidade. Dava para uma pequena praça onde homens e mulheres lá embaixo cuidavam de seus negócios, suas cabeças quase encostadas enquanto falavam. Era um outono estranho neste momento, no auge dos seus dias, era mais quente que a maioria dos anos e mais úmido também. Alguns diziam que este mês poderia ser mais parecido com março do que de dezembro.

A praça estava cercada por árvores, cuja folhagem estava vazia para o inverno que se aproximava. No entanto, ainda havia arbustos sempre verdes e, de seu campo de visão, Julian podia ver o passarinho ocasional voando sobre a vegetação.

O rouxinol...

Por que o escritor escolheu o nome desse pássaro como pseudônimo? Que significado isso tinha? Os próprios pássaros eram um pouco maiores que os pardais. Na monótona passagem do dia, passariam despercebidos a maior parte do tempo e, no entanto, quando cantavam, os homens ficaram encantados.

Então, foi um nome escolhido por um homem educado...

Julian pensou em seus dias como um estudante sendo introduzido na mitologia grega. Dizia-se que o rouxinol era uma musa, às vezes associada à melancolia.

— Enquanto aguardamos a cópia dos novos acordos de acionistas, há novos negócios para se apresentar antes de concluirmos a primeira Assembleia Geral Anual da Wheal Gunnis Copper Mining Company?

Distraído de seus devaneios, Julian voltou para a sala e observou seus parceiros de negócios, Phillip Gedding e David Manston.

Julian conheceu Phillip quase dois anos atrás. Por acaso, eles estavam na mesma estalagem. Sendo mais próximos em idade e status do que os outros viajantes à sua volta, eles haviam compartilhado um drinque e descobriram que tinham a mineração em comum.

Quanto mais Phillip lhe falava sobre Wheal Gunnis, a mina de nome estanho de sua família em Stannum, mais certo o geólogo Julian estava de que valia a pena explorar o cobre e abandonar completamente o estanho. Ele decidiu arriscar seu próprio dinheiro no empreendimento, determinado a encontrar um caminho independente na vida e a ficar fora do controle do pai.

Julian não gostava do velho e certamente não gostava da maneira como tratava os mineiros de carvão no poço de Yorkshire de sua família.

Agora que Wheal Gunnis era um sucesso, ele podia se dar ao luxo de fazer as coisas do *seu* jeito. Instigado pelas palavras de The Nightingale, Julian falou em resposta à pergunta de Phillip.

— Há uma questão que gostaria de levantar antes de empregar mais homens. — Julian tinha toda a atenção dos dois homens. —

Gostaria de elaborar documentação que ajude a proteger o bem-estar dos mineiros.

David pegou uma jarra e derramou meia medida de vinho Clarete.

— O que você tinha em mente?

— Uma proibição de trabalho infantil, — respondeu Julian. — Nenhuma criança com menos de doze anos deve ser empregada na mina e apenas jovens com quinze anos ou mais para trabalhar no subsolo.

O visconde assentiu.

— Eu concordo... e você, Gedding?

Phillip também concordou e instruiu o secretário a anotar a resolução.

— Estamos compartilhando a mesma maneira de pensar, — disse Phillip. — Como você sabe, em comemoração ao nosso sucesso, estamos encerrando o trabalho de extração da semana em Wheal Gunnis antes do Natal até o dia seguinte à Festa de St. Stephen e pagando a todos os trabalhadores pelo seu tempo livre. Bem, eu gostaria de propor que esse arranjo seja anual.

Os “sim” foram por unanimidade.

Mas, aparentemente, isso não era tudo. Phillip continuou.

— Gostaria da permissão do conselho de doar cem libras por ano para pagar o salário de um professor de uma escola. Marquei um terreno e pagarei pessoalmente pela construção do prédio da escola.

David ficou de pé, com o rosto radiante.

— Carreguem seus copos, senhores, proponho um brinde. Para o sucesso contínuo de Wheal Gunnis e a prosperidade de todos em

Stannum. Acho seguro dizer, Phillip, que o salário de um professor é aprovado sem discordância.

Julian levantou o copo e se juntou à saudação.

Um pensamento fantasioso, mas ele tinha certeza de que podia ouvir um rouxinol do lado de fora cantando sua aprovação.



ERA O COMEÇO DA tarde quando os negócios da Wheal Gunnis Copper Mining Company estavam concluídos e o plano era desfrutar de um jogo de cartas no White's. No entanto, antes que os três homens pudessem sair, as damas chegaram inesperadamente — Viscondessa Carmarthen, sua madrinha Lady Abigail Ridgeway, tia Juliet Harriet e prima Margaret com sua amiga Lydia.

Elas foram vitoriosas em sua busca por elegância, a julgar pela excitação irrestrita dos dois membros mais jovens do grupo.

Tia Harriet deve ter dito algo para Lydia, pensou Julian. Hoje não cheirava a cantora de ópera de Covent Garden. Na verdade, a garota realmente conseguiu parecer recatada em um vestido modesto encimado por peles de veludo azul claro. A repreensão de Harriet deve ter sido severa, de fato.

— Bom dia, Winter, — disse a jovem. — Acredito que você não sofreu efeitos prolongados do seu acidente ontem à noite?

A jovem olhou de lado para tia Harriet e Lady Abigail. Houve um pequeno aceno de aprovação de sua tia.

Nesse caso, ele poderia dar um pouco também.

— Nenhuma, senhorita Stonely, e agradeço a sua gentil preocupação com o meu bem-estar.



Julian dirigiu seu próximo comentário à prima Margaret.

— Como foi sua excursão hoje?

— Oh, foi maravilhosa, primo. Não vou aborrecê-lo com os detalhes da alta costura feminina, pois tenho certeza de que você não está interessado, mas devo lhe contar sobre esta casa de chá mais encantadora que nos deu a vista mais notável das ruas. Lady Abigail apontou *todos* os personagens importantes que apareceram, incluindo alguns lordes elegíveis bastante bonitos.

Margaret virou-se para Lydia.

— Você não achou?

Lydia virou-se para Julian e o olhou por um momento antes de se voltar para a amiga.

— De fato sim! Lorde Cavil, em particular, é um homem impressionante. Sou muito grata a Lady Abigail pela oportunidade de ser apresentada.

Julian ficou feliz em manter seu rosto neutro. Se Lydia desejava empregar a arma do ciúme contra ele, ela estava livre para fazê-lo, ele era imune a isso. E concentrar sua atenção em outros solteiros adequados poderia levá-la a buscar melhores perspectivas do que ele em outros lugares.

Ele perdeu a oportunidade de se recolher no White's por algumas horas antes de se preparar para os compromissos daquela noite, mas estava consciente de seu dever de tornar memorável a primeira incursão de Margaret e Lydia em Londres.



Ele olhou pela janela. Os chuviscos da manhã haviam passado e o sol estava brilhando.

— Parece que somos presenteados com uma rara e boa tarde, — observou ele. — Tia Harriet, me pergunto se você e suas pupilas desejam dar um passeio pelo Hyde Park.

Margaret não conseguiu conter a emoção com a perspectiva.

— Oh, podemos? Eu ansiava por ver Rotten Row e todas as senhoras e senhores elegantes em seus cavalos.

Lydia não manteve seu interesse refinado.

— Ainda é bastante cedo na temporada. Acho que não devemos ver algumas das principais luzes da sociedade — disse ela com desdém. O sorriso de Margaret diminuiu um pouco com o comentário repentino de sua amiga.

Julian olhou para David e Allie para ver se eles se ofenderam com o comentário da garota boba. Como visconde e viscondessa de Carmarthan, eles eram os mais bem classificados de todos os presentes, incluindo a própria Lady Abigail Ridgeway, embora Alexandra se desse bem com a madrinha, como ele próprio descobrira que era prudente ser.

Manston decidiu não ouvir, enquanto Allie abaixou a cabeça para esconder um sorriso.

— Você não verá apenas uma fração do Hyde Park esta tarde, — interveio Lady Abigail. — Se o tempo estiver bom amanhã, posso providenciar para que uma barouche[4] esteja disponível se as moças forem *agradáveis*.

O duplo significado das palavras da mulher não se perdeu no grupo. Lydia estava suficientemente castigada para fingir procurar algo em seu retículo.

David e Allie foram para a casa deles. O grupo restante seguiu na carruagem de Lady Abigail até o Hyde Park, onde desembarcaram.

A observação de Lydia pode ter sido inepta, mas foi astuta, havia pouco para ver no final de Rotten Row, em Park Lane, a hora e a temporada sendo muito cedo. Então, o grupo seguiu para o norte, ao longo da imponente avenida de árvores que corria paralela a Park Lane em direção à antiga Tyburn Road.



— Você sabia que do outro lado da rua do parque era onde ficava a forca de Tyburn? — Disse tia Harriet. — Costumava ser o espetáculo reunir-se e assistir ao condenado fazer seu discurso final.

— E parece haver algum tipo de coisa a fazer na esquina hoje, — observou Lydia.

Julian ouviu o som do canto antes que pudesse entender as palavras. Quando eles se aproximaram, ele viu os cantores, um grupo bastante esfarrapado, vestindo roupas masculinas. Agora ele podia ouvir a canção claramente.

Deus te alegre, senhores,
Não deixe nada que lhe consternar,
Porque Jesus Cristo nosso Salvador
Nasceu neste dia.
Para salvar as pobres almas do poder de Satanás,



Que muito tempo se perdeu.
O que traz notícias de conforto e alegria.

Uma multidão se reuniu para ouvir. Lady Abigail incitou o grupo a se aproximar, avisando as mulheres de que as maldições distraídas pelos entretenimentos favoreciam os roubos.

Outros, incluindo um homem alto e mais velho vestido com as vestes do padre, estavam distribuindo panfletos. Julian encontrou um pressionado em sua mão.

Convide o Parlamento agora
Para promulgar reformas
Trabalho infantil
Abra seus corações
Abra suas mentes
Salve as crianças da exploração!

Ele virou o panfleto. No verso, havia uma reimpressão do artigo desta manhã no *The Argus*. O artigo Nightingale era proeminente.

Ele olhou para cima mais uma vez e *a* viu - a mulher da noite passada.

Ela estava a vários metros de distância, mas não havia como confundi-la. Havia algo sobre a estreita aproximação da quase morte que afiava suas faculdades.

Hoje, porém, ela usava roupas mais de acordo com a estação elevada que ele suspeitava que ela possuía. Seu traje era bem feito, mas

não ostensivo, uma pele marrom sobre um vestido verde-floresta. Um chapéu combinando emoldurava seu rosto, e sua pele clara servia como uma tela para traços finamente desenhados.

Murmurando suas desculpas, Julian se retirou do grupo e seguiu na direção dela.

Se havia alguma dúvida sobre sua identidade, ela foi vencida quando um garoto abandonou um grupo de amigos e voltou correndo para essa mulher. Era a criança que ele salvou na noite passada

O coro continuou a cantar.

Como ele se sentia ao ver a mulher novamente? Julian não tinha certeza. Ele estava com raiva dela? De uma maneira estranha, ele supôs que estava. Embora ela tivesse se desculpado no momento, ele não pôde evitar uma certa irritação pelo desaparecimento dela. Era apenas o resultado de uma satisfação negada a ele protestar contra seu descuido e desatenção?

Ou havia algo mais?

A princípio, ela não o viu se aproximar, mas quando o coro chegou ao fim, ela se virou.

O reconhecimento foi instantâneo. Julian esperou que a mulher fingisse que o reconhecimento era um erro, mas não o fez. Ela apoiou a mão na cabeça da criança e esperou que ele se juntasse a ela.

— Luke, — ela disse suavemente, atraindo a atenção da criança. — Lembra do cavalheiro que te salvou ontem à noite? Acho que seria correto agradecer-lhe adequadamente.



Grandes olhos azuis em um rosto gordinho olharam diretamente para ele. De repente, Julian se sentiu tão grande e tão sem asas quanto Gulliver entre os liliputianos.

— Obrigado, senhor.

Luke terminou suas palavras de gratidão com um arco rápido da cintura.

Julian caiu de joelhos, se ajoelhando. Mesmo assim, ele ainda era mais alto que a criança. Ele também estava atento a protetora do rapaz acima dele.

— De nada, meu jovem, mas você deve ter cuidado ao andar. Você sabe o que os cavalheiros fazem?

Luke olhou para sua mãe, depois de volta para ele e balançou a cabeça.

— Eles andam entre a moça e a rua para garantir que ela esteja segura. Você fará isso quando crescer? Você pode praticar com sua mãe aqui e ficar ao lado dela enquanto caminha.

O garoto ergueu os ombros pequenos e deu um aceno afirmativo rápido. Era notável o quão pouca instrução e incentivo eram necessários para lhe dar confiança. Como ele desejou que seu próprio pai tivesse falado com ele dessa maneira. Possivelmente…

Bem, não importava, *talvez,* era o que era, e não havia mais nada que ele pudesse fazer nesse sentido.

— Eu confio que você não foi gravemente ferido? — A mulher perguntou. — Foi uma má forma da minha parte sair daquela forma. Minha única desculpa é que eu estava com medo e Luke estava chateado, e…



Julian levantou-se e viu-se olhando diretamente nos quentes olhos castanhos da misteriosa mulher cujo nome ele ainda não sabia.

— Não são necessárias desculpas, senhora, e não há danos duradouros, — disse ele.

— Obrigada, eu...

— Lady Levene?

Ele estava enganado que os dois se voltam ao som da voz de Lady Abigail?

— Por que, tem sido uma eterni*dade* desde a última vez que te vi? — Ela continuou.

Lady Lavene fez uma reverência.

— Lady Abigail, é uma honra vê-la depois de tanto tempo.

— Sim, é. E vejo que você já conhece um amigo da família.

— Apenas informalmente, eu... isto é, não fomos apresentados.

Lady Abigail acenou com a mão, impedindo quaisquer explicações adicionais. Ela olhou para Julian e depois se voltou para a mulher.

— Caroline, Lady Lavene, permita-me apresentá-lo ao Sr. Julian Winter. Ele é amigo e parceiro de negócios do marido da minha afilhada, o visconde de Carmarthan.

Capítulo Cinco



Lady ABIGAIL CONTINUOU as apresentações.

— Essas são as relações do Sr. Winter. Sra. Erskin, sua filha Margaret e sua amiga Lydia Stonely. As jovens senhoritas estão aqui para aproveitar a temporada de inverno.

Oh, a garota era isso...

A senhorita Stonely parecia muito mais jovem hoje do que pareceu ontem à noite na estalagem. A maneira como ela correu para Winter era como se fosse proprietária. Agora, à luz do dia, ela podia ver como ele parecia evitar estar perto dela, e ainda assim estava atento à presença da garota.

Luke estava ficando inquieto.

— Posso brincar com os outros meninos, mamãe? — Ele perguntou.

— Sim, desde que você fique à vista de mim e do reverendo Camp.

Com a permissão dada, Luke partiu na direção de um grupo de crianças que se reuniram perto do coral e transformaram alguns dos panfletos em dardos de papel. Eles estavam fazendo uma competição de quem poderia jogar o mais longe.

— Lorde Lavene está com você hoje, minha dama?

A pergunta de Margaret Erskin a surpreendeu. Caroline quase olhou como se pudesse ver Tristan na multidão. Era uma noção tola.

— Receio que meu marido tenha falecido há cinco anos.



A senhora Erskin olhou para Luke.

— E agora é só você e seu filho?

A pergunta foi formulada com bastante cuidado, com a quantidade certa de leveza e inflexão para parecer inocente. Caroline não permaneceu tão fora de contato a ponto de não conhecer a segunda pergunta que espreitava nela.

Luke era um garoto típico de sua idade. Essa idade, tão perto quanto ela podia discernir, não tinha mais de quatro anos. A senhora Erskin também parecia saber disso.

— Sim, somos apenas nós dois.

— Você fez planos para o Natal? — Lady Abigail perguntou.

Caroline olhou para o reverendo Camp, que, com os assistidos da Missão de St. Luke, distribuía o último dos panfletos, enquanto a Sra. Camp dirigia o resto do coro desordenado em outra canção.

— Receio não ter on...

— Então eu insisto que você se junte a nós pelo menos uma vez. Faz muito tempo desde que tivemos o prazer da sua companhia e há algumas pessoas novas e interessantes que acho que você deveria conhecer.

Antes que Caroline percebesse, começou a concordar. Mas era estranho que ninguém pudesse dizer 'não' a Lady Abigail Ridgeway...

Talvez não fosse ruim voltar à sociedade; seu tempo de luto havia passado e recuperar sua posição significaria que ela poderia falar com aqueles que tinham influência na Câmara dos Comuns e na Câmara

dos Lordes. Entre eles, ela poderia fazer uma grande diferença para a situação dos pobres. E a posição dela só poderia beneficiar Luke quando ele crescesse.

No final, era fácil justificar para si mesma uma decisão que ela foi forçada a tomar. Se ao menos ela pudesse ignorar a vozinha traidora que sussurrava também como seria bom passar mais tempo na companhia de Julian Winter.

— Então, com prazer, aguardo um convite, — disse ela. A expressão de prazer no rosto de Julian a deixou mais segura do que se sentia há anos.

— E estou ansioso para encontrar você de novo, mas em circunstâncias muito mais agradáveis do que no primeiro encontro, — disse ele.

Ele estava flertando com ela? Um brilho nos olhos cinzentos parecia sugerir isso. Ela sentiu um frisson de prazer que não experimentava desde os dias de cortejar com Tristan. Um rubor espontâneo cresceu em suas bochechas.

Julian e seu grupo se despediram dela e ela os observou atravessar o Park Lane e subir na carruagem que os esperava. A última luz da tarde estava desaparecendo e também a audiência deles. O verso final de *Hark the Herald Angels Sing* chegou ao fim e o coro improvisado da Sra. Camp começou a se dispersar.

Caroline chamou Luke para se juntar a ela. O garoto correu até ela com pelo menos três variações de dardos de papel e eles foram até o reverendo Camp.

— Foi uma tarde esplêndida, você não acha? — Ele perguntou.



— Bem, certamente distribuímos todos os panfletos e não vejo muitos deles descartados. — Ela olhou para Luke e timidamente de volta para o reverendo. — Alguns se transformaram em brinquedos, sim. De qualquer forma, espero que tenhamos feito algo de bom.

— Tenho certeza que depois que as pessoas lerem o próximo artigo de The Nightingale, os esforços de hoje não serão anulados.

— Sobre Nightingale... — Caroline hesitou. — Eu escolhi usar um pseudônimo deliberadamente. Acho que seria melhor que ninguém além de você, a senhora Camp e o editor do *Argus* soubessem que sou a autora.

— Seu segredo está seguro comigo, minha querida. Agora me diga, quem eram aquelas pessoas com quem você estava conversando há pouco tempo?

Caroline deu ao padre uma explicação completa dos eventos da noite anterior e de como o socorrista de Luke também conhecia uma amiga em comum.

— Isso significa que veremos menos vocês no St. Luke? — Ele perguntou.

— Não vejo por que deveria. Nada mudou para mim.

Havia um olhar peculiar nos olhos do velho clérigo, mas ele não disse nada.

Ela levantou o queixo, desafiando-o a duvidar dela.

— Vejo você amanhã à noite na Missão, como de costume.

O padre assentiu.

— Não há dúvida de que você fará o bem, onde quer que esteja.



Caroline fez uma careta. Este não era um fim satisfatório para as coisas. Embora ela pretendesse retornar à sociedade, isso não interrompia suas responsabilidades para com as pessoas da Missão. Por que ele pensava...

Ela sentiu um puxão no quadril.

— Mamãe, estou cansado. Eu quero ir para casa.

Ela sorriu e pegou a mão dele.

— Então vamos para casa e ver o que a Sra. Stewart preparou para o nosso jantar, não é?

DEPOIS QUE O TERCEIRO artigo foi publicado, a cidade inteira estava falando sobre The Nightingale. As vendas do *Argus* haviam ultrapassado o limite. Caroline sabia disso porque a editora havia lhe enviado um grande buquê de flores para agradecer o aumento da circulação.

Enquanto ela descia a rua com Luke para comprar sapatos novos para ele, parecia que a cada segunda pessoa tinha uma cópia do periódico nas mãos ou debaixo dos braços.

Depois da Missão, ela visitou um salão de chá e pediu uma xícara de chá para ela e uma xícara de leite quente para Luke. Enquanto eles estavam sentados lá, ela ouviu dois cavalheiros discutindo a história de uma jovem vendedora de fósforos encontrada congelada até a morte no inverno passado, com o corpo repousando no túmulo de indigente já que ninguém veio reivindicá-la.

Só então Caroline sentiu apreensão pelo que havia feito. Era muito fácil planejar a estória na cabeça, soltar as palavras e lançá-las ao mundo. Por mais esperançoso que tivesse sido que as pessoas

pudessem sentir o mesmo desânimo que sentiu ao ouvir essas histórias, ela não esperava que fossem recebidas assim.

Seria possível que ela pudesse fazer mais mal do que bem?

A viagem para casa foi atravessar a esquina do Hyde Park. Lá, não muito longe de onde a velha forca Tyburn estivera, um homem grande estava em uma caixa, gritando com um grupo de pessoas. Em uma placa grande ao lado dele, estava afixada uma página de periódico.

Ela não precisou se aventurar mais perto para saber qual periódico era e qual página estava afixada lá. O homem gritou com um espesso sotaque escocês.

— Então também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando Te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou doente, ou na prisão, e não o socorremos? Então eles lhes responderão, dizendo: Em verdade vos digo que, se não o fizeste a um destes, não o fizeste a Mim.

O homem estava começando a atrair uma multidão e nem todo mundo apreciava seu sermão. Provocadores empurravam aqueles que se reuniram simplesmente para ouvir. Alguns deles começaram a gritar para afogar o homem.

Caroline afastou Luke do espetáculo e o direcionou para a praça Grosvenor. Uma carruagem barouche passou por eles; a capota de lona recolhida dos dois lados para dar aos passageiros o melhor do sol neste dia.

O transporte diminuiu.



— Lady Lavene! — Margaret Erskin acenou com entusiasmo. — Que prazer vê-la novamente. Eu nunca pensei que veríamos tão cedo.

Caroline se aproximou e encontrou a Srta. Margaret ao lado de sua mãe, com Miss Stonely em frente a Julian Winter.

— É uma surpresa muito agradável, de fato, — ela concordou. — Certamente é um bom dia para um passeio. Optamos por caminhar hoje. Foi muita sorte este inverno ter sido extremamente ameno.

— Você está indo em algum lugar em particular, Lady Lavene?

Oh, ela desejava que Julian não tivesse falado. Havia algo em sua voz que ressoava dentro dela, como uma corda de harpa vibrando em tom perfeito.

— Apenas para casa, Sr. Winter. Luke quase acabou com seus sapatos, então compramos sapatos novos, não é mesmo, Luke?

O garoto assentiu distraidamente, mais interessado no par de cavalos castanhos que na conversa dos adultos.

— Se você não tem pressa, podemos levá-la para casa pelo Hyde Park?

Se Caroline estivesse sozinha, ela poderia ter encontrado uma maneira de recusar. Mas a emoção total no rosto de Luke pela oferta a fez parar.

— Mas Julian — queixou-se a Srta. Stonely — já somos quatro. Não há assentos suficientes para mais dois.

Caroline sentiu um breve momento de gratidão, temperada pelo olhar de decepção esmagadora de Luke.



Então ela cometeu o erro de olhar diretamente para Julian. Ela mostrou um momento de hesitação? Ela deve ter feito isso porque havia uma suavidade nos olhos do homem.

— Esse é um problema que pode ser superado rapidamente se Lady Lavene desejar. Luke pode sentar no meu colo e ele terá uma visão melhor do parque.

Ela sentiu um puxão na mão.

— Por favor.

Os olhos azuis de seu filho estavam grandes, seu pedido seria difícil de ignorar. Quando ela olhou para Julian, havia um olhar semelhante nos olhos dele. Este não era um convite imediato, feito às pressas e facilmente descartável. O homem realmente *quis dizer* isso.

Muitas pessoas haviam demonstrado bondade com ela ao longo dos anos e, no entanto, de alguma forma, o olhar de Julian parecia diferente. Talvez fosse porque ele também era próximo a ela em idade, elegível e, sem dúvida, muito bonito.

Ao acenar com a cabeça, Julian sorriu. Luke pulou para cima e para baixo no local e esperou com impaciência o criado abrir a porta. A criança entrou. Julian estendeu a mão para oferecer sua mão a Caroline. Ela se espremeu ao lado da Sra. Erskin, em frente a Julian.

Luke sentou-se no colo de Julian, encarando a carruagem com muita atenção por estar muito mais alto do que qualquer outra pessoa na rua. Caroline enroscou os dedos enluvados para impedir de estender a mão e mexer nele.

Quando a barouche se moveu, ela notou Julian descansar o braço ao longo do peitoril da carruagem, para pegar o garoto, ele deveria estar entusiasmado demais enquanto avançavam. Sua proteção à criança a aqueceu.

E ele a estava observando de novo... não Luke, mas Julian. A última vez que um homem olhou para ela assim foi...

Não.

Ela não tinha negócios pensando em homens bonitos. Ela virou a cabeça, olhando para as ruas de Londres.

Seus olhos caíram sobre uma jovem garota embrulhada em um xale escuro parada em um canto vendendo flores, um homem curvado com o peso de uma grande cesta de vime nas costas, passando apressado. Na esquina do Hyde Park, um homem com uma gargalhada barulhenta tocava uma música enquanto seu companheiro fazia uma marionete dançar no tempo correto.

Agora não era hora de entrar em um voo de fantasia. Este homem não era para ela, não, julgando pelo olhar azedo que a Srta. Stonely lhe dava. Além disso, ela tinha mais do que ela a considerar.

Havia Luke, e o pessoal da missão de St. Luke. Havia muito o que fazer, muito do mundo que precisava ser acertado.

Como ela poderia ter a ideia de um romance?

Ela teve sua vez até que a morte de um eles os separaram. Exceto que ela nunca esperava que fosse tão cedo...

Capítulo Seis



JULIAN NÃO SABIA como isso aconteceu, mas de alguma forma em seu passeio de carruagem pelas ruas de Londres, ele foi dotado de visão através de outros olhos — *os olhos de Caroline.*

Uma cidade com a qual ele estava um pouco familiarizado, e que agora via novamente — os homens trabalhando em transporte de carvão sob sua carga; as crianças de rua procurando nas calhas por moedas e botões perdidos; a caminhada particular de uma das damas da noite que venderia seu corpo por algumas moedas para comprar comida e uma cama para a noite.

Então a carruagem entrou na Rotten Row e ele percebeu a quietude do parque, o farfalhar das folhas no alto, o cheiro particular no ar que pressagiava a chuva.

Aqui, a ilusão parou e Julian sentiu como se tivesse sido acordado de um sonho, exceto que tinha o peso de um menino pequeno no colo. A mulher diante dele piscou lentamente como se ela também experimentasse o que *ele* tinha visto.

A barouche emprestada de Manston atraia a atenção. Alguns cavaleiros desaceleraram por curiosidade — a maioria não conhecia o novo visconde Carmarthan e sua esposa e ficavam decepcionados ao ver apenas a pintura e não as pessoas.



Margaret e Lydia aproveitaram o interesse. Se os cavalheiros que viam no Row eram particularmente bem conhecidos, então elas praticavam seus olhares mais paqueradores. Lydia, ao que parecia, havia superado completamente sua queixa anterior de Lady Lavene se juntar a eles.

Enquanto isso, tia Harriet se arrumava ao lado de Caroline, desfrutando da glória refletida.

Caroline tentou esconder um sorriso divertido atrás da mão, mas Julian viu e sorriu também, saboreando o calor no peito ao perceber que, mais uma vez, eles provavelmente compartilhavam os mesmos pensamentos.

Quando pararam momentaneamente para permitir que outra carruagem passasse, um casal a cavalo reconheceu a viúva Lady Lavene. O Barão e a Baronesa Thornley se aproximaram para falar algumas palavras. Julian não pôde deixar de ouvir. O falecido marido de Caroline era bem visto, ao que parecia, e, se ele não tivesse morrido tão jovem, provavelmente teria tomado seu lugar na Câmara dos Lordes no devido tempo.

Depois, houve curiosidade sobre a criança que agora desceu do colo de Julian e subiu no de sua mãe. Caroline ajudou Luke sem interromper a conversa. A ação provocou um levantamento especulativo de uma sobrancelha da baronesa.

Isso era estranho. O que poderia ser mais natural do que uma mãe interagindo com seu filho?

— E quem pode ser esse nobre jovem aqui? — o lorde perguntou com um tom de voz meloso.



Caroline ficou rígida e segurou Luke um pouco mais de perto.

— Este é meu filho, Luke.

Ela esfregou as costas dele, o que pareceu balançar o rapaz.

— É muito bom conhecê-lo, — disse ele à moda de repetição de um papagaio, um exercício de etiqueta sem dúvida.

— Seu *filho?* Eu não sabia que você e Lorde Lavene tiveram um filho. Quantos anos tem ele? — A baronesa perguntou. Ela continuou suas perguntas sem esperar por respostas. — Ele parece pequeno para o quê? Seis? Sete anos de idade?

— Tenho quatro! — A criança acrescentou prestativamente.

O olhar de surpresa da Baronesa Thornley era impossível de perder. O mesmo aconteceu com a especulação maliciosa que brilhou nos olhos da mulher um momento depois.

Ele sabia exatamente o que estava sendo inferido sobre Caroline, e ele não aceitaria isso. A sugestão muito clara de que Luke era um filho bastardo era repreensível e alguns outros epítetos que ele preferia manter trancados atrás dos dentes.

Percebendo que ele poderia ser um homem imponente quando quisesse, ele se endireitou na cadeira, usando o rumo para desviar a atenção de Caroline e Luke.

— Vocês *irão* nos dar licença, — ele disse ao barão e a sua esposa com firmeza. — Eu preciso levar as damas para casa. Vou transmitir seus cumprimentos ao visconde. Em frente, cocheiro!

Ele continuou olhando fixamente para eles enquanto a barouche se movia. Julian observou a baronesa puxar a manga e o sussurro do marido. Ele ficou aliviado por Caroline estar de costas para o espetáculo enquanto se afastavam, mas pela rigidez das costas e pela inclinação da cabeça tão majestosa quanto uma rainha, ficou claro que ela sabia que era assunto de fofocas.

Lydia e Margaret trocaram olhares significativos. Julian ofereceu um para Margaret, advertindo-a silenciosamente para falar as próximas palavras com cuidado.

— Não é a festa do convite dos Westhavens hoje à noite? — Margaret perguntou a Lydia depois de um momento. — Gostaria de conhecer Dougal McFife. Ele é o herdeiro do castelo de Sudbury, sabe?

— Ele é mesmo? — Lydia perguntou com atenção exagerada. — Diga-me mais.

Por dentro, Julian fervilhava, irritado por se tornar impotente. Ele não pôde repreender Lydia e Margaret porque elas não disseram nada inapropriado, mas claramente fizeram seu julgamento sobre Caroline, no entanto.

— Para minha casa, cocheiro. A senhora Erskin ficará muito ansiosa para que as senhoritas estejam em casa.

Se alguma vez houve um pouco de atração por Lydia antes disso — afinal, ela era considerada uma beleza — Julian estava bem curado disso agora. Ele viu sua prima e especialmente sua amiga como as crianças que ainda eram. Nada no mundo poderia obrigá-lo a fazer uma

oferta de casamento a Lydia, por mais que a menina e sua tia desejassem o casamento.

Foi só quando eles fizeram o circuito completo do Hyde Park e voltaram para Mayfair que seu temperamento esfriou.

De fato, um calafrio caíra sobre o grupo e a viagem continuava em silêncio. Julian não confiava em si mesmo para olhar para sua prima ou sua amiga. Em vez disso, ele manteve os olhos em Luke, que estava com sono. O garoto descansou a cabeça no peito de Caroline e levou um polegar aos lábios enquanto lutava para manter as pálpebras pesadas abertas.

A barouche parou em frente à sua casa em Londres. Julian aterrissou com grande relutância, seu treinamento como cavalheiro o forçou a ajudar suas jovens cargas a sair do veículo.

— Você estará hoje à noite no Westhavens, Julian? — A indecisa humildade de Margaret disse-lhe que ela estava sendo castigada pelo severo silêncio dele.

— Ainda tenho que decidir se devo enviar meus agradecimentos ou recusa — disse ele.

Margaret olhou rapidamente para Caroline, depois simplesmente acenou com a cabeça em resposta. Lydia sabiamente manteve a boca fechada. Ele subiu de volta para ao barouche e não olhou para trás quando partiu.

— Não havia necessidade de desviar do seu caminho, — disse Caroline, suavemente. — Luke e eu poderíamos ter tomado um coche para casa.



Julian balançou a cabeça para protestar quando um pensamento absurdo lhe ocorreu. Ele começou a rir.

— Eu nem sei onde você mora, — confessou.

Após um momento de hesitação — e ele ousava testemunhar, outro rubor — Caroline abriu um sorriso e o calor que sentiu no parque retornou.

— Por acaso, moro a apenas duas ruas de distância.

— Então não está fora do meu caminho.

A partir de então, o silêncio na carruagem foi agradável. Julian alimentou a fantasia de ser um homem desfrutando de uma boa tarde de inverno na companhia de sua esposa e filho. Sim, ele estava mais do que pronto para se estabelecer com uma esposa, uma amante, uma companheira, uma mãe. E em sua mente, esse modelo estava começando a assumir a forma de Lady Caroline Lavene.

Adiante, ele ouviu os gritos de um jovem garoto de periódico na esquina.

— *Periódico! Periódico! Desgraça pública em Londres! Mais de Nightingale!*

Na escuridão do início da noite, teria sido fácil perder a mudança na postura de Caroline, exceto que assustou Luke.

— *Periódico! Periódico! Desgraça pública em Londres! Mais de The Nightingale!*

Era tentador pedir ao cocheiro que diminuísse a velocidade da carruagem aberta o suficiente para comprar uma cópia, mas ele não o fez.

Por que ela reagiria assim ao vendedor de jornais? Sem dúvida, ela tinha ouvido falar sobre Nightingale — quem em Londres poderia ter falhado em ouvir? E não havia vergonha em uma mulher interessada nos assuntos atuais. Se ela estava tão interessada, por que ela não disse isso?

Hyde Park.

O coral heterogêneo liderado por um padre.

Os panfletos

Caroline *sabia* quem era Nightingale?

Outro pensamento lhe ocorreu; se *ela* sabia, quem era Caroline?

Muito rápido, a carruagem chegou à sua porta. Ela foi aberta por um homem de meia idade que não parecia muito à vontade com o uniforme de mordomo.

— Estamos felizes por você ter retornado, minha dama. Estávamos ficando um pouco preocupados — ele disse, segurando a porta da carruagem e tirando Luke dos braços dela.

Julian moveu-se para ajudar Caroline a descer os degraus. Embora ele não fosse um defensor do protocolo correto, achou estranho que um servo falasse de uma maneira tão familiar.

— Encontrei amigos hoje, Fordyce, — disse ela e olhou para Julian. — Este é o Sr. Winter que teve a gentileza de nos convidar a se juntar a ele e a sua prima para um passeio pelo Hyde Park.

Fordyce deu um sorriso vazio.

— Ah, não é de admirar que o pequeno esteja exausto. Aposto que ele gostou disso.

— Nós dois gostamos.

— Deixe-o para mim, minha dama. Vou pegá-lo e a babá vai tê-lo pronto para dormir rapidamente.

Ele e Caroline ficaram sozinhos na porta da frente aberta. Caroline parecia relutante em entrar e Julian era honesto o suficiente consigo mesmo para saber que estava relutante em sair. Ele estava ciente de estar em um limiar — literal e figurativamente — mas nenhum deles sabia o próximo passo a dar.



Ele suspeitava que já fazia muito tempo que Caroline não se divertia, muito menos recebia um visitante cavalheiro.

— Eu gostaria de visitá-la novamente, se eu puder.

A luz amarela se derramava da casa, mas seu rosto estava na meia sombra. Ele amaldiçoou a escuridão que escondia sua expressão dele.

— Eu... eu não sei. — Caroline olhou para as escadas da varanda. — Faz muito tempo... desde que tenho Luke, não saio muito na sociedade.

Se a maneira como ela havia sido tratada hoje era alguma indicação, Julian entendia completamente sua relutância. A implicação da baronesa era clara o suficiente. Luke não podia ser filho do falecido marido de Caroline. Isso só deixava uma conclusão.

Desgraçados.

Julian parecia um epíteto desagradável, mais adequado a adultos duplicados do que a uma criança inocente.

Ele ficou impressionado com a sensação de que, se não dissesse algo agora, ela estaria fora de alcance para sempre.

— Amanhã, — disse ele, na esperança de impedir que a porta se fechasse. — Por favor, deixe-me levar você e Luke para ver a coleção na Torre de Londres.

Ela hesitou.

Pronto!

— Luke ama seus animais, — disse ela.

— Então amanhã?

Caroline balançou a cabeça e o coração de Julian afundou. Sua jogada foi perdida. Ele começou a se virar.

— Visite-nos *depois de* amanhã. Nós *dois* adoraríamos visitar a Torre com você.



Capítulo Sete



ATRAVÉS DA PESADA porta de carvalho e acima do burburinho em toda a casa, Caroline imaginou que ela podia ouvir a ordem do cocheiro aos cavalos soprando ao som dos trotes nas ruas de paralelepípedos lá fora.

Julian Winter parecia estar cortejando-a.

Ela sorriu e se afastou da porta. Fordyce não estava sorrindo. Ele parecia preocupado.

— Eu esqueci minhas maneiras e outros galanteios, não é? — Ele disse. — Eu não sabia que você estava com um cavalheiro. Eu sinto muito. Eu realmente não sou muito fã dos floreios e conheço muito pouco das maneiras elegantes dos cavaleiros.

Ele mexeu nas luvas brancas nervosamente.

— Se você vai agir de maneira adequada Lady Caroline, acho que não sou muito fã disso, não sou...

— *Você* é o melhor servo que eu já conheci, Fordyce, — disse ela. — Eu não o teria contratado ou qualquer outra pessoa em minha casa, na verdade, se eu não achasse que estivesse à altura da tarefa.

— Mas seu amigo cavalheiro terá outras ideias.

Até agora, eles tinham uma audiência. Sra. Stewart com um Luke dormindo no ombro; Franny, a serva do salão que era coxa em uma perna que acabara de sussurrar algo para sua amiga Jane, que passara

por uma passagem para a cozinha, sem dúvida para deixar a cozinheira saber que algo estava acontecendo lá em cima.

Caroline contou silenciosamente até dez, esperando para garantir que tivesse toda a atenção dos presentes.

Agora era a hora de acabar qualquer boato pela raiz.

— Eu administro uma casa não convencional e prefiro assim. Mas deixe-me dizer isso a todos vocês agora, *não* aceitarei fofocas espalhadas sobre qualquer pessoa nesta casa, inclusive eu, — disse ela. — Quem não aprovar o modo como faço as coisas em minha própria casa não será bem-vindo, seja ele um príncipe ou uma serva doméstica. Eu deixei claro?

Todos assentiram, nada com mais atenção do que Franny. Até o pequeno Luke levantou a cabeça e a olhou com os olhos turvos. Caroline suavizou a voz.

— Agora, pessoal, voltem aos seus deveres. Fordyce, peça ao cavalariço para preparar uma carruagem para esta noite. Eu pretendo passar a noite no St. Luke.

Os criados reunidos voltaram a entrar na casa para cuidar do trabalho. Caroline estava prestes a seguir a Sra. Stewart e Luke lá para cima quando Fordyce a interrompeu.

— Minha senhora, — ele disse formalmente e curvou-se. — Um convite chegou enquanto você estava fora.

Ele entregou um cartão branco grosso. Caroline aceitou sem olhar.



— Obrigada, meu amigo.

Somente quando ela entrou no quarto, Caroline percebeu o quanto estava cansada. Ela deveria jantar antes de se trocar para um vestido mais claro e quente.

Ela temia isso, o julgamento daqueles que não entendiam por que ela fazia o que fazia. Ela não deveria ter que explicar a um estranho que Luke foi adotado. Para ela, ele era filho dela. Ela não o levou para sua casa e a seu coração como uma peça conspícua de teatro. Ela fez isso porque queria ajudá-lo.

A última coisa que ela queria era deixar Luke pensar que ele era outra *coisa* que não *seu* filho.

Exceto que ele não era.

Luke tinha parentes em algum lugar lá fora. Parentes que provavelmente tinham outro nome para ele. Parentes que possivelmente nunca se importaram com ele. Parentes que...

Se eles soubessem que a criança que abandonaram havia caído em sua casa como filho adotivo, eles viriam para reivindicá-lo? Eles reclamariam dela?

Eles ameaçariam tirar Luke dela?

Enquanto Caroline esperava o jantar ser levado para o quarto, ela olhou para o convite impresso com flocos de neve decorativos. O nome dela estava escrito à mão, mas o restante do cartão estava impresso

Baile de inverno

Lady Caroline Lavene, é solicitada a comparecer ao baile



em Carmarthan House, casa do visconde Carmarthan
no dia 23 de dezembro atual, às oito horas.

Ela fez uma careta. Este era o convite mais procurado no calendário social desta temporada. Por alguma razão, o próprio príncipe de Gales tinha afeição ao recém titulado visconde de Carmarthan do país de Gales.

Sim, ela lia as páginas sociais e as notícias.

Por que diabos eles se interessariam por *ela?* Caroline nem os conhecia e estava há tanto tempo fora da sociedade que sua presença não era mais solicitada em tais eventos.

Então ela se lembrou do Hyde Park no primeiro dia do mês.

O Coro da Sra. Camp. A distribuição de panfletos.

Lady Abigail Ridgeway. Sem dúvida, *ela* estava por trás do convite. Dizia-se que ela era muito próxima do príncipe de Gales desde sua juventude.

Julian também estaria presente.

Ela fechou os olhos, mas isso não a impediu de imaginar. Isso apenas a ajudou a conjurar uma imagem de Julian em um traje de noite, seus cabelos castanhos claros penteados, uma gravata branca e nítida destacando a linha afiada de uma jaqueta preta.

Pare com isso! ela disse a si mesma bruscamente.

O fato do homem ser bonito e gentil não era motivo para alimentar certos pensamentos românticos.



O JANTAR PARA DOZE PESSOAS chegou ao fim na casa do barão Westhaven quando Lady Abigail, sentada ao lado de Julian, atraiu sua atenção.

— Você poderia estar interessado em saber que eu convidei alguém especial para o Baile de Inverno da minha afilhada.

Ele conhecia o olhar que ela lhe dava. Julian pegou sua taça de vinho e tomou um gole, esperando Lady Abigail revelar o nome, sentindo-se como uma mosca que pousara bem no centro da teia de uma aranha.

As aranhas sorriam? Nesse caso, provavelmente pareciam muito com Lady Abigail Ridgeway. Uma aranha muito charmosa e elegante, mas mesmo assim uma aranha.

Ao lado dele, Lydia Stonely se inclinou para a frente, subitamente interessada nessa conversa.

— Posso perguntar quem, minha dama?

Lady Abigail deu a Lydia apenas um meio olhar de reconhecimento. Em vez disso, sua atenção principal estava centrada nele. Julian sentiu um formigamento na nuca, uma espécie de premonição. Ele largou o copo e esperou a aranha descer.

— Eu pensei que seria adorável ter a companhia de Lady Caroline Lavene. Você não concorda?

Julian pegou seu copo de água desta vez e tomou um gole enquanto a observava.

— Acho que qualquer pessoa que você convidar será um trunfo para o entreterimento, minha dama.

— Muito *lindo* o que disse, Winter. Eu sabia que havia uma razão para gostar de você.

A baronesa Westhaven levantou-se da mesa, indicando que era hora das damas se retirarem. Os cavalheiros se levantaram. Julian notou Lydia compartilhar um olhar significativo com Margaret e tia Harriet.

Que fofoca venenosa sobre Caroline as meninas derramaram no ouvido de sua tia? Ele não tinha dúvida de que ouviria mais sobre isso antes que a noite chegasse ao fim.

DEPOIS DOS CHARUTOS E DO porto, os cavalheiros se juntaram às damas na sala de estar. Julian viu claramente Allie dar um olhar de paquera para o marido quando eles entraram, mas em vez de ir para o lado do marido, ela se juntou a ele.

— Você viu a bela coleção de retratos dos Westhavens, Julian? — Ela perguntou.

Ele balançou a cabeça, sem saber para onde a amiga estava indo com a conversa — era o marido dela que era o artista da família, — mas estava claro que as palavras dela eram para o benefício dos convidados, especificamente de *suas* relações.

Julian permitiu que ela o levasse da sala de estar até a galeria, onde duzentos anos de retratos de família e cenas pastorais enchiam as paredes.

Eles estavam bem longe dos outros antes que ela falasse.

— Vejo que você ainda não se livrou com sucesso de Lydia, querido, mas sua tia me disse que ela ainda tem esperanças de uma

proposta antes do final da temporada. Pelo menos ela parece mais propensa a aumentar a teia, — disse ela. — Lady Abigail organizou alguns jovens cavalheiros adequados para estarem no Midwinter Ball e ela deixou bem claro que eles foram instruídos a exercer toda a extensão de seu charme na garota.

Julian soltou uma risada, mas suavizou-a quando o som ecoou alto pelo corredor. Allie bateu levemente em seu braço e fez uma careta séria e fingida.

— Prometi encontrar uma esposa para você e pretendia manter essa promessa. Você sabe como é querido para mim, Julian. Você é realmente um bom amigo. Mas um passarinho me diz que você pode não precisar da minha ajuda.

Eles pararam no retrato de Algernon Westhaven, no início do século XVIII. Ele estava vestido para o campo, com um chapéu de abas largas em uma mão e a outra na cabeça de seu fiel cão springer spaniel. Julian estudou a pintura por um momento.

A esposa de Westhaven, Mathilda, estava de pé ao lado dele, vestindo seu melhor vestido de dia, com um buquet de flores glória da manhã branca na mão. A artista capturou o movimento da fina faixa de seda verde em volta da cintura. A placa de latão anexada à moldura da foto anunciava que era um retrato de casamento do casal no campo em torno de sua propriedade familiar.

— Você acredita em amor à primeira vista? — Ele perguntou a Allie.

Ela se moveu para o lado dele. Pelo canto dos olhos, ele a encontrou olhando-o de perto.

— Você tem certeza de que sou a pessoa certa para perguntar? Você sabe que eu fiquei apaixonada por David por muito tempo, antes que ele reconhecesse algum sentimento em troca, talvez nem um pouco diferente da sua senhorita Stonely.

Julian estremeceu.

— Você me promete esperança e leva embora! Você é uma mulher cruel, viscondessa Carmarthan. E, para que conste, diga-se que você é tão diferente de Lydia quanto são duas mulheres.

Agora ela riu.

— Suponho que estou dizendo, apenas o tempo pode dizer se sentir amor pelo outro é apenas uma fantasia passageira ou uma emoção genuína e duradoura. E isso deve ser decidido por ambos, o que espero que você e Lady Lavene sejam.

— É *tão* óbvio que desenvolvi uma consideração superior por ela?

— Apenas para mim, — ela encolheu os ombros.

Julian deu um suspiro de alívio. Ele ofereceu o braço a Allie e eles voltaram pela galeria.

— E por Lady Abigail...

— Bem, sim — ele sabia *disso.* A mulher revelou-se um passo à frente de *todos.*

— E Margaret e Lydia também — continuou Allie — e, é claro, agora sua tia Harriet também estará totalmente informada.

Isso o levou a uma parada completa no topo da escada.

— Isso é *tudo?*



Allie deu de ombros.

— David sabe, é claro. Eu conto tudo para ele. E presumo que sir Daniel também saiba. Não acho que Phillip esteja ciente, pelo menos ele não mencionou. E o meu gêmeo, ele *pode* ser bastante obtuso. Mas no final, há apenas uma pessoa cuja opinião deve contar...

Lady Caroline Lavene.

O nome dela não foi pronunciado, mas não houve mal-entendidos. Eles continuaram descendo as escadas para a sala de estar, onde ele podia ouvir Margaret cantando para acompanhar a espineta.

— Quanto você sabe sobre ela? — Allie perguntou.

— Pouco... e ainda não é suficiente.

Ela assentiu com a resposta contraditória dele, como se isso fizesse sentido.

— Então desejo-lhe a alegria em descobrir juntos. Pegue uma folha do meu livro. Vale a pena perseguir o amor — o *verdadeiro* amor. Não deixe ninguém te convencer do contrário.

Eles pararam na porta. Julian pegou a mão de Allie e se inclinou sobre ela.

— Obrigado.

— Nós dois desejamos felicidades a você, Julian, — ela disse suavemente. — E um cortejo mais curto que o nosso...

Eles entraram na sala de estar quando Margaret terminou seu recital para alguns dos convidados e sentou-se ao lado de Lydia. Allie foi para o lado do marido, pegando sua mão estendida enquanto ela se

aproximava. Lady Abigail e seu marido, Sir Daniel, estavam jogando cartas com seus anfitriões em uma mesa no canto da sala.

A única pessoa que não estava ativamente ocupada naquele momento era tia Harriet. Ela se sentou um pouco afastada do resto da sala e seus lábios dilatados, enquanto olhava para Julian, isso lhe disse que não estava satisfeita. Ela ajustou o xale para deixar óbvio que o assento ao seu lado estava livre. Ele poderia muito bem abordar qualquer que fosse o problema agora ou mais tarde. Na verdade, era preferível agora e ele sabia que Harriet não faria uma cena muito boa enquanto estivesse na companhia de convidados.



Ele sentou-se ao lado dela e perguntou discretamente o que estava errado.

— Estou surpresa que você precise perguntar, — ela advertiu. — Você nos convida para Londres e se oferece para ajudar as meninas na temporada delas, então dificilmente conseguimos vê-lo. Dificilmente é o comportamento de um bom anfitrião, Julian. Seu pai ficaria muito decepcionado com você.

Qualquer culpa que ele sentisse por ser um anfitrião negligente evaporou-se com a menção de seu pai. Ele falou com os dentes cerrados para manter a voz baixa.

— Forneci a você um endereço de qualidade para ficar, um subsídio generoso para comprar o que for necessário, e lhe ofereci uma introdução a uma das mulheres mais bem conectadas de Londres e tudo o que a acompanha. O que *mais* você espera de mim, tia?



Harriet se endireitou e se sacudiu, dando a aparência de uma galinha cujas penas estavam arrepiadas.

— Não há necessidade de se irritar, Julian — ela sussurrou para ele. Ela olhou para garantir que não havia atraído atenção antes de continuar em um sussurro ofegante. — Há uma jovem lady adequada e que tem sido mais que paciente esperando para você fazer a coisa certa por ela.

Assim *que* era *ela*.

— Já deve estar mais do que claro, tia, que não devo nada a Lydia Stonely.

— Você a *levou a acreditar.* Ela espera…

— Então ela está fadada a ficar *decepcionada.* Qualquer reclamação que Lydia tenha é apenas um produto de sua imaginação que *você* continua alimentando, *tia.*

— Eu vejo muito claramente por que seu pai se desespera por você, como agora eu. É escandaloso, sonhar com uma mulher como Lady Lavene enquanto ela desfila com um bastar…

O olhar de Julian foi suficiente para fazer a mulher engolir o resto da palavra.

— Escolha suas próximas palavras com cuidado, senhora — ele disse, mantendo a voz baixa. — Você está dançando no limite da minha tolerância e falta muito pouco para que as três entrem na próxima carruagem de volta a Yorkshire.

Uma silenciosa batalha de vontades foi travada. No passado, Julian cedeu por deferência à idade e ao sexo de Harriet. Mas desta

vez, ele não se desviou. No final, foi sua tia quem baixou o olhar primeiro.

— Se é assim que você realmente se sente, — ela fungou, — então não há nada que eu possa fazer além de lembrá-lo de sua honra como cavalheiro e sua reputação como um Winter...

Ah, não, ele não estaria por esses apelos apaixonado.

— É assim que deve ser, tia Harriet. Não pretendo ter essa discussão com você novamente.



Capítulo Oito



— COMO É GRANDE um leão? — Luke perguntou, segurando um de madeira entalhada da Arca de Noé.

Caroline sorriu enquanto amarrava as botas do filho. Ao lado dela, a Sra. Stewart esforçou-se para colocar o braço do menino na manga do casaco enquanto ele ainda segurava o brinquedo.

— Bem, você vai descobrir hoje, mestre Luke, — disse a Sra. Stewart. — Mas não se não vestirmos seu casaco. Não o deixaremos morrer de frio.

— A babá está certa, Luke. Deixe-me segurar Leo por um momento — disse Caroline, persuadindo o aperto do menino no brinquedo.

— Eu gostaria de levar Leo comigo. Ele também gostaria de ver leões.

Não era a primeira vez que eles conversavam esta manhã. Ela esperava que ele esquecesse de trazer seu companheiro, mas lá estavam eles, o relógio marcando nove horas. Julian chegaria em breve para levá-los em sua excursão.

— Você tem certeza de que é uma ideia sábia? E se Leo gostar tanto de lá, e decidir ficar? A leoa dele não ficará sozinha?

Foi uma observação improvisada, uma peça de ficção para tentar convencer um garotinho a deixar um brinquedo que facilmente seria

perdido em casa, mas Luke parou o que estava fazendo e olhou diretamente para ela.

— Solitária como você, mamãe? Você precisa de um leão?

Ele sabia que suas palavras infantis e com arte tocavam a parte mais profunda de sua alma, a que ainda doía de vez em quando?

Caroline o puxou para seus braços antes que ele pudesse ver suas lágrimas brotando.

— Por que eu precisaria de um leão, meu querido, quando eu tenho você?

O garoto aceitou o abraço um momento antes de se remexer e se afastar.

— Não seja boba, eu não sou um leão. Eu sou um filhote.

Pouco tempo depois, Julian chegou em uma carruagem fechada, em deferência ao clima que parecia ser mutável.

Caroline sentou-se ao lado da Sra. Stewart e observou, ao lado, um animado Luke contar a Julian tudo o que sabia sobre os animais que eles poderiam encontrar no zoológico da Torre.

A criança estava sendo incomodativa?

Certamente não parecia. Muito pelo contrário, Julian estava participando igualmente da conversa animada.

Quão diferente Luke era na companhia de um homem do que na companhia, principalmente, feminina em casa.

Um garoto precisa de um pai.

Ela escondeu essa observação no fundo do peito, empurrando-a para baixo, para o fundo, antes que pudesse puxar seu coração mais uma vez.

Encorajado por Julian, Luke fez gritos de animais — um rugido de leão, um trompete de elefante, um macaco, enchendo a carruagem com sons estridentes. A senhora Stewart colocou um dedo na têmpora e fechou os olhos.

Estava começando a ser demais. Julian sabia o que desencadeou no garoto?

— Luke, — ela chamou sobre o barulho. — Que som um canguru faz?

Pelo menos, a pergunta acabou com os gritos estridentes que seu filho imaginava que macacos fizessem.

Ele franziu a testa.

— Eu não sei, mamãe. Eu não acho que eles fazem barulho. Acho que tudo o que eles fazem é pular como coelhos.

Uma vez que o pensamento lhe ocorreu, Luke começou a pular para cima e para baixo. Julian deve ter visto sua expressão consternada, porque ele rapidamente colocou o garoto nos joelhos e o distraiu, apontando a Torre que agora estava aparecendo.

Depois de pagar um xelim por cada um, os quatro foram admitidos no recinto da Torre, onde o zoológico era mantido. Um guia os conduziu no passeio e Luke estava determinado a estar na frente com a Sra. Stewart. A mulher segurou com força a mão dele para impedir que ele se aventurasse muito perto das barras que estavam entre eles, as panteras e leopardos no cercado de gatos grandes.



Caroline aceitou o braço de Julian enquanto caminhavam atrás do grupo.

— Obrigada, — disse ela. — Luke está se divertindo tremendamente... como eu.

Essas poucas palavras colocaram um sorriso no rosto de Julian que fez seu coração dobrar as batidas. E por que não? Que mulher viva não coraria quando visse um sorriso desse tipo?

— E eu estou feliz com isso, — ele disse a ela. — Luke é um bom garoto.

Alguns que fizeram essa observação a usaram para disfarçar uma pergunta sobre suas origens. Vindo de Julian, ela aceitou a afirmação pelo valor de frase e, no caso dele, decidiu contar a história.

JULIAN ASSENTIU, IMAGINANDO se Caroline suspeitava que ele estivesse bisbilhotando. Ele não tinha essa intenção. Mas agora ela havia esclarecido o assunto...

— Se eu posso ser franco, por que você não disse isso à Baronesa Thornley no Hyde Park outro dia?

— Eu sou a única mãe que Luke conhece. Tanto quanto ele sabe, eu *sou* sua mãe. Mas agora ele está chegando a uma idade em que está curioso sobre tudo. Como o beneficiaria saber que a mulher que lhe deu à luz o rejeitou? E descobrir isso diante de uma estranha?

Julian teve que confessar que não tinha uma resposta pronta para isso, mas essa fofoca sem dúvida se espalharia. Caroline tinha que estar ciente disso.

— Eu não tinha percebido o quão sozinha e isolada eu me tornei nos cinco anos desde que meu marido morreu, — continuou Caroline.



— Criar Luke deu um novo propósito à minha vida. Faz pouco tempo que pensei no futuro.

— Espero que você me considere parte disso também.

As palavras saíram de sua boca antes que ele pudesse se segurar.

Caroline parou; seus doces olhos castanhos arregalados. A turnê do zoológico continuou, deixando-os sozinhos com apenas leopardos por companhia.

— Eu não poderia impor, ou seja...

Julian soltou seu braço do dele, mas pegou as duas mãos dela.

— Durante a semana passada, o destino foi determinado a nos juntar, — disse ele suavemente para impedir que sua voz ecoasse no teto abobadado da exposição de gatos selvagens.

— Assim como Luke entrou inesperadamente em sua vida em um momento em que você precisava de alguém, é fora do reino da crença que uma coisa dessas possa acontecer novamente?

Ela desviou o olhar, mas não antes que ele visse cor em suas bochechas. Ela não tirou as mãos das dele, e ele considerou isso um bom sinal.

— Ou talvez seja eu a quem o destino está mostrando um favor, — ele sussurrou. — Eu desejei uma família minha por um longo tempo. Obrigado por me deixar fazer parte da sua nos últimos dias.

Um silêncio se estendeu entre eles. Julian precisava desesperadamente ver seu rosto. Seu coração ficou congelado por tanto

tempo, procurando uma mulher que não se importava com um título ou riqueza, mas que amava sua família e que um dia o amaria e faria dele uma parte dela.

— Oh, Julian. — A voz trêmula de Caroline o fez prender a respiração e se preparar para uma rejeição. Ela levantou o rosto para ele. A expressão dela dizia que ela não havia entendido mal a intenção dele. — Há tanta coisa que não sabemos um sobre o outro.

— Existem mil razões pelas quais não devemos buscar um apego, Caroline, — respondeu ele. — Mas estou procurando o motivo pelo qual *deveríamos.* Permita-me fazer a corte e conquistar seu amor e o de Luke.

O sorriso dela era o sol saindo de trás das nuvens em um dia frio e Julian sentiu um pouco mais seu coração derreter ao vê-lo.

— Você já ganhou *o* amor *dele* por tudo que já fez.

— Então deixe-me ganhar o seu.

Caroline colocou o braço no dele.

— Eu diria que você começou muito bem.

Eles continuaram andando pelo corredor para alcançar seu grupo.

— Há um baile a ser realizada no vigésimo terceiro dia — ele disse.

— Baile de inverno do visconde Carmarthan?

Ele assentiu.

— Recebi meu convite de Lady Abigail anteontem, — disse ela.

Julian sorriu.



— Aí está, Lady Lavene, o destino está trabalhando novamente.

OS COMERCIANTES de TECIDOS de Cheapside ainda não haviam fechado suas lojas naquela noite. Enquanto a carruagem de Caroline caminhava lentamente pelas ruas em direção à Missão de St. Luke, ela podia ver através de uma janela uma loja onde mãe e filha examinavam um chapéu de cetim azul-celeste.

Parecia que as cores vivas estavam em todos os modos no momento, Caroline observou. Atrás das duas mulheres havia um chapéu em um tom de vermelho. Tal cor combinaria com um colar de granadas que ela possuía...

Gostaria de saber qual é a forma elegante de chapéu hoje em dia?

A carruagem sacudiu nos paralelepípedos irregulares, tirando-a de seus devaneios e houve um grito quando dois cocheiros à frente deles discutiram sobre o caminho certo.

Que estranho ela estar tão emocionada por um pedaço de cartão branco e palavras impressas. Era só um convite para um baile, só isso.

Mas não importa quantas vezes ela se dissesse, na viagem a St. Luke, ela não conseguia acreditar.

Depois de passar um dia maravilhoso com Julian hoje, ela sabia que era o começo de uma nova vida, se tivesse coragem de aceitá-la.

E esse era seu dilema, ela não tinha certeza.

Era confortável se esconder atrás do disfarce da viúva em luto. As pessoas deixam ser; eles não tinham expectativas dela. Ela podia tomar

suas próprias decisões e, na verdade, uma vez terminado o período de profundo luto, embora sentisse uma amarga falta de Tristan, apreciava a liberdade que possuía.

Um tempo para chorar e um tempo para rir; Um tempo para o luto e um tempo para a dança...

Ela *estava* pronta para compartilhar sua vida com outra pessoa; Luke era a prova disso. Mas, por mais que ela adorasse a criança, não era o mesmo que ser abraçada pelos poderosos braços de um homem, ser amante, esposa e mãe.

Solitária como você, mamãe? Você precisa de um leão?

Se uma criança de quatro anos pode vê-lo, quão óbvio deve ser para os outros?

E havia outras considerações, ainda mais privadas e íntimas.

Embora não tivesse passado dos trinta anos, ela achava que o tempo para o prazer carnal já havia passado. E ela poderia até ter se contentado com isso, canalizando sua paixão para atividades mais nobres. Mas desde que Julian entrou em sua vida, ela se perguntava se poderia haver mais...

Talvez tenha sido o destino.

A escotilha entre a cabine e o cocheiro se abriu, trazendo um turbilhão de ar frio misturado com fumaça.

— Estamos aqui, minha dama, — disse ele. — Devo vir buscá-la no horário habitual?

— Sim, por favor.



A MISSÃO ESTAVA EM chamas com luz e o aroma de um ensopado saudável sendo preparado que enchia o ar. Isso não era tudo; havia uma expectativa no ar.

O próprio St. Luke estava iluminado, então Caroline entrou primeiro. Ela entrou para ver um grupo de homens e mulheres limpando a igreja, que estava mais ocupada do que o habitual durante a estação do advento, um tempo para preparação e reflexão.

As figuras de natividade de madeira pintadas à mão estavam agora no lugar ao lado do altar. A Sra. Camp estava dando os retoques finais na tela, aproximando a estátua da Virgem Maria da manjedoura, do filho que era dela, o Menino Jesus e, no entanto, era muito mais.

— Luke gostou da visita ao zoológico? — A esposa do vigário perguntou.

Caroline sorriu.

— Ele não falou mais nada desde então. A babá dele e eu tivemos que colocá-lo na cama cercado por todos os seus brinquedos de animais.

— Foi muito gentil do seu jovem amigo sugerir isso.

— Acho que pode ser demais descrevê-lo como *meu* jovem amigo.

— Eu não deveria ter tanta certeza disso. Meu marido já o colocou para trabalhar na missão.

Caroline balançou a cabeça, sem saber se tinha ouvido direito.

— Julian está *aqui?*

A Sra. Camp assentiu.

— Ele disse ao reverendo que queria conhecer Nightingale.

Caroline afundou no banco da frente.

— Ele sabe *que foi eu que* escreveu os artigos para *The Argus?*

— Ele é um sujeito inteligente e fez um palpite.

Ela soltou um longo suspiro. Seu voo de fantasia estava se tornando muito real.

— Hoje, Julian disse que quer considerar um futuro comigo e com Luke, — ela sussurrou.

A Sra. Camp deu um tapinha em seu braço e chamou sua atenção para a natividade. Maria estava perto do Menino Jesus, enquanto José vigiava os dois.

— Seu Sr. Winter não seria o primeiro homem a adotar de bom grado o filho da mulher que ama.



Capítulo Nove



JULIAN SENTOU JOGANDO xadrez com um marinheiro irlandês velho chamado O'Toole.

Ele chegou a St. Luke algumas horas atrás por capricho. De fato, para dizer a verdade, a ideia só veio à tona depois que ele viu Caroline e Luke em casa após sua excursão ao zoológico hoje.

Luke... St. Luke.

Hyde Park.

O coro.

Os panfletos.

Nightingale…

Como ele havia perdido algo tão óbvio? E uma vez que a ideia se agitou em sua mente, foi apenas um pequeno salto para adivinhar a identidade do escritor das histórias que abalaram a cidade.

Quando ele chegou, perguntou quem estava no comando e disseram-lhe que era o reverendo Camp quem poderia ser encontrado naquele momento na cozinha. Julian foi até lá e perguntou a um trabalhador que limpava uma panela onde estava o reverendo.

— Sou eu, — respondeu o homem. — Como posso ajudá-lo?

Julian ficou surpreso. O reverendo não usava suas vestes de sacerdote, apenas trabalhando com roupas masculinas, e aqui estava ele, com as mangas arregaçadas, fazendo o trabalho de uma serva de copa. Ele gostou instantaneamente do homem.

— Não, eu estou aqui para ajudá-*lo,* — Julian havia dito ao homem. — Estou ao *seu* serviço esta noite.

Julian foi instruído, para sua surpresa, a simplesmente sentar e conversar com aqueles que entravam.

— Essas pessoas não querem piedade, — disse o reverendo, — apenas um pouco de dignidade, uma alimentação calorosa e um lembrete de que o bom Deus vê a todos da mesma forma. Apenas passe algum tempo com eles e me avise se eu estiver certo.

Então ele o fez.

Quanto mais falava com eles, mais percebia que conhecia essas histórias, conhecia esses homens e mulheres, ele lia as histórias deles em *The Argus.*

Caroline *era* o Nightingale.

Confirmar isso o fez se apaixonar por ela um pouco mais. Que mulher notável.

Uma risada forçou-o a se concentrar em seu jogo. O'Toole olhou para ele, em seguida, pegou uma de suas peças brancas e, com um *clip clip clip clip clop*, Julian encontrou-se no lado perdedor do jogo.

— Você tem sorte do reverendo não permitir jogar apostando aqui. Você me deve uma libra — o homem riu.

Julian riu e apertou a mão do homem.

— Então, me diga, o que um irlandês está fazendo em Londres?

— A maioria diria que não estou conseguindo fazer nada além de beber.



Sim, Julian estava ciente da suspeita sobre os irlandeses. Muitos deles tinham simpatias jacobinas e outros apoiavam abertamente Napoleão.

— Mas o que *você me* diz?

— Eu digo que estou apenas dando do meu tempo até que eu pare de beber. Faz três semanas desde que uma gota de licor tocou meus lábios.

— Você está se sentindo melhor por isso?

— Sim, eu estou.

— É difícil?

— É muito difícil. A coisa mais difícil que fiz na minha vida. Mas ainda mais difícil se eu não conseguir um emprego. O reverendo diz que me encontrará uma posição se eu me mantiver sóbrio por três meses e aparecer aqui regularmente.

— Que tal outro jogo? — Julian sugeriu. — Você pode me deixar recuperar um pouco do meu orgulho e, pelo menos, tentar o melhor de sete.

O'Toole se levantou.

— Não quero ofender Seu Senhorio, mas acho que o velho Ned ali me dará um jogo melhor.

Julian riu, nem um pouco ofendido. Ele se levantou e apertou a mão de O'Toole no momento em que Caroline entrou pela porta.

Ela ainda não o tinha visto e imediatamente se envolveu em uma conversa. Ele gostava de vê-la desprotegida, conversando com um dos frequentadores que haviam se tornado seus amigos. Como ela se sentiria em vê-lo aqui? Ela consideraria uma intrusão? Ele presumiu demais?

Depois de hoje, ele esperava convencê-la de que estava falando sério sobre eles perseguirem um futuro juntos.

Agora Caroline procurava por alguém. Os olhos dela examinaram as mesas, depois caíram sobre ele. O sorriso que ela deu a ele era, de fato, um presente que ele queria desesperadamente ser digno.

Ele esperou enquanto ela se aproximava dele.

— Eu soube que você está procurando Nightingale, — disse ela calmamente.

— Eu encontrei e espero ter encontrado muito mais.

— Como você sabia que era eu?

Ele disse a ela que tudo começou na viagem na barouche. De repente, ele podia ver as coisas através dos olhos dela e se viu olhando para Londres de uma maneira que nunca havia feito antes.

Uma vez que ele começou a falar, ele não conseguia parar. Caroline ouviu sem interrupção.

Julian contou a ela sobre sua infância dura em Yorkshire, não como alguém privado das necessidades imediatas da vida, mas privado de amor e carinho de familiares. Ele falou de como seu pai o mandou para a escola em Londres para que seu sotaque do norte fosse treinado e ser espancado pelos outros estudantes. Ele supôs que deveria lhe agradecer pelo menos por isso, apesar dos golpes, pois sua maneira instruída de falar em Londres superou os preconceitos daqueles que desconsideravam o sotaque — e a inteligência — da classe trabalhadora.



Ele falou de seu desejo de fazer mais do que seu pai. Sim, o velho trabalhou duro, mas era apenas para enriquecer. Julian podia fazer mais, colocando suas habilidades para trabalhar para sempre.

Ele contou a Caroline sobre como Wheal Gunnis revitalizou a vila de Stannum e os planos para ajudar o visconde de Carmarthan a criar uma comunidade modelo, com muito trabalho e boas acomodações.

— Passei uma boa hora conversando com o reverendo Camp sobre isso. Ele tem algumas ideias firmes nesse sentido. Você se importa? — Perguntou Julian. — Ou seja, você faz tanto trabalho aqui, não quero que pense que estou pisando errado...

Caroline colocou um dedo nos lábios dele.

— Por que mais estamos aqui, se não para fazer o bem? — Ela disse a ele.

No final da noite, Caroline se recusou a deixá-lo procurar uma carruagem Hansom de aluguel tão tarde nesta parte de Londres, e foi assim que ele aproveitou o calor da carruagem dela e o braço em volta da cintura dela. O Relógio da Horse Guards Tower bateu as onze quando passaram pela St. James Square.

Ele se inclinou para um beijo. Era macio, quase casto. O fato dela ter permitido isso o encantou.

— Eu me sinto como a Cinderela, — ela sussurrou.

— Por que você acha que eu te beijei às onze horas? — Ele respondeu. — Carruagens se transformam em abóboras à meia-noite, pelo que me lembro.

— Isso significa que não preciso me preocupar em perder meu sapatinho de cristal no Midwinter Ball na próxima semana? — Ela perguntou quando a carruagem parou ao lado de sua porta.

Julian pegou a mão dela e a beijou.

— Se você perder, eu sei onde você mora, e eu o entregarei pessoalmente.

— MAMÃE! VOCÊ PARECE uma princesa!

Caroline se afastou do espelho de corpo inteiro para olhar para o filho, vestido para dormir. Tinha sido um tratamento especial para ele ficar acordado e ver sua mãe vestida com suas melhores roupas.

— Obrigada, garoto querido, — disse ela, dando um beijo em cima de sua cabeça. — Agora, vá para a cama. Se você for e não incomodar a babá, trarei para casa um bolo da festa.

A promessa foi suficiente para Luke aceitar sua oferta.

Caroline parecia uma princesa. Pela primeira vez desde a grave doença de seu marido que o levou à sua morte, ela usava joias finas. Água-marinha que brilhavam em azul e prateado em uma gargantilha no pescoço.

Seus cabelos estavam penteados e presos com presilhas de ouro com pérolas. Os diamantes em forma de pêra em suas orelhas eram peças que ela tinha esquecido que possuía, e ficou encantada com a

forma como se ajustavam a seu vestido azul e sua cintilante camiseta branca de cetim.

E todos os medos que ela tinha sobre a adequação de sua aparência desapareceram quando viu Julian, que a esperava no pé da escada.

— Você está divina, — disse ele, pegando a mão dela.

Sim, ela *se* sentia como uma princesa; não Cinderela, mas a Bela Adormecida, porque Julian Winter precisou de um beijo para acordá-la de um sono de cinco anos.

Ela sabia que Carmarthan Hall estava perto. Ela já havia passado antes por lá, mas não tinha apreciado a frente da casa até ver tudo aceso.

Para sua surpresa, ela foi imediatamente abordada por pessoas que a reconheceu, encantada por vê-la retornando à sociedade.

— Você sabe que pretendo monopolizar todo o seu tempo, Lady Lavene — Julian sussurrou em seu ouvido.

— Tome cuidado, Sr. Winter, — ela brincou. — Sua reputação como um dos solteiros elegíveis desta temporada poderá terminar.

— Acho que terminou no primeiro dia em que nos conhecemos, — disse ele.

Caroline não tinha certeza disso, mas o fato de passarem todos os dias na companhia um do outro desde a excursão ao zoológico certamente contribuía para sua afirmação.



Julian acenou com a cabeça para a pista de dança, onde Lydia Stonely dançava nos braços de um jovem dragoon em seu uniforme. Do outro lado do salão, tia Harriet podia ser vista olhando com aprovação.

— E a sua prima? — Perguntou Caroline. — Ela esperava fazer uma partida nesta temporada também, não era?

Eles procuraram entre a multidão e finalmente encontraram Margaret em uma conversa animada com o jovem Laird Dougal McFife.

Durante o passeio no salão, Caroline notou que, entre a decoração da sala, havia recortes de pequenos pássaros decorados com folhas de ouro. Ela se perguntou o motivo e estava prestes a perguntar a Julian se ele sabia quando David Manston, visconde Carmarthan, chamou a atenção da sala. Juntou-se a ele a viscondessa, que estava linda em um vestido azul safira, os cabelos pretos encaracolados empilhados no alto e mantidos no lugar com uma faixa de prata. Nas proximidades estavam Sir Daniel e Lady Abigail como anfitriões conjuntos.

— Sua Alteza Real, Lordes, Miladies e Senhores, esta noite é uma ocasião especial para minha esposa e eu, — disse ele. — É a nossa primeira temporada em Londres e vocês graciosamente nos fazem sentirmos bem-vindos. Nossos sinceros agradecimentos a Sir Daniel e Lady Ridgeway por ajudarem a tornar esta uma ocasião memorável.

A viscondessa falou depois.

— Você pode estar se perguntando sobre as decorações hoje à noite, — disse ela. — Elas foram escolhidas por um motivo especial.

Eles não são Canários ou o raro Gold Oriole[5], como podem imaginar. Estes são rouxinóis. É raro vê-los em Londres no inverno, mas mais raro ainda é seu canto que é tão comovente.

O visconde aproveitou a história.

— Como sabem, os jornais estão repletos de especulações sobre a identidade de The Nightingale, cuja voz foi dada para chamar a atenção para os menos afortunados em nossa bela capital. Cada um dos nossos passarinhos de ouro foi criado individualmente. Se quiserem, podem ser seus por meio-guiné de ouro que será coletada e entregue à Missão de St. Luke em Cheapside por suas boas obras.

Caroline estava agradecida por ter Julian ao seu lado, com o braço em volta da sua cintura, caso contrário, ela temia ter desmaiado.

— Isso é obra sua? — Ela perguntou.

Julian tinha um brilho nos olhos e ergueu a taça de champanhe para os anfitriões e depois para Lady Abigail.

— Eu tive assistência, — disse ele.

— Finalmente, — disse o anfitrião, — devido à demanda popular, temos mesas de jogos hoje à noite e os incentivamos que ganhem bem e doem uma porcentagem de sua bolsa. É uma boa causa neste inverno. Sua generosidade comprará cobertores e comida para outros menos afortunados, os órfãos e as viúvas, e as famílias de homens valentes em terra e no mar que estão lutando contra Napoleão.

Aplausos encheram o salão. A orquestra tocou para a próxima dança. Caroline observou os convidados olhando mais de perto os

ornamentos e fazendo seleções. Talvez eles decorassem lareiras para o Natal. Certamente encheriam barrigas famintas em casas menos opulentas.

— Você quer dançar? — Julian perguntou quando os casais foram ao piso reservado para baile novamente.

Caroline balançou a cabeça.

— Receio estar por fora das danças atuais.

— Bom. Não tenho certeza de quão bom seria como parceiro de dança. Feri gravemente meu joelho há alguns meses.

Ela notara que ele ocasionalmente mancava e agora estava em seus lábios perguntar sobre a causa quando Julian lhe ofereceu o braço.

— Vamos encontrar um lugar quieto, Lady Lavene? — Ele perguntou, seus olhos brilhando.

Um rubor apareceu em seu rosto com facilidade. O flerte e o romance que ela pensara terem desaparecido agora retornavam, emocionando-a tanto quanto antes quando foi estreante.

— Vamos lá, Sr. Winter.

Ele a levou escada acima, ao longo de uma galeria, até uma longa biblioteca à luz de velas, onde um pequeno fogo ardia na lareira. Sobre a mesa havia uma garrafa de champanhe e duas taças. Ao lado, havia uma pequena caixa de couro preto.

— Não foi por acaso que me trouxe aqui.



— Destino, Lady Lavene, — disse ele, como se tivesse lido sua mente. Ele abriu a caixa. Dentro havia um anel de ouro montado com uma grande esmeralda cercada de diamantes.

— Cada um de nós procurou uma família e possuí apenas metade de um todo. Eu me apaixonei por você, Caroline. Quer se casar comigo e me permitir ser seu marido e pai de Luke?

Julian levou a mão de Caroline aos lábios dele para beijá-la, e tanto o desejo físico quanto o amor percorreram seu ser. Ela ficou impressionada com o quão certo era esse momento, como era bom sentir-se inteira novamente.

Ela percebeu que seu suspiro não era uma resposta, então ela a deu.

— Julian. Sim, meu amor. Eu *vou* me casar com você.

O champanhe permaneceu intocado. Ela tirou sua luva de noite para Julian colocar o anel no dedo.

Ele se inclinou para a frente para um beijo apaixonado e ela o devolveu prontamente. O ato em si não era desconhecido, mas ela gostava de aprender de novo. Seus lábios e língua traçaram os dela, seu abraço a enchendo de desejo, amor, alegria, de todas as melhores emoções.

E do lado de fora da janela da biblioteca, acima da melodia da orquestra abaixo, Caroline imaginou ouvir o som de um rouxinol cantando.

Epílogo



25 de dezembro de 1806

A GAROA FIRME não podia estragar a manhã. A Igreja de St. Luke estava em chamas à luz de velas, de modo que a parede caiada de branco e os arcos de mármore pareciam brilhar com uma luz dourada.

Caroline hesitou um momento antes de entrar. Ela olhou para Julian, que a olhou e sorriu. Aqueceu-a por dentro. Julian carregava seu filho no quadril sem esforço.

Luke apontou para a natividade no final da nave e eles se aproximaram. Este ano, a exibição significava mais. Havia verdadeiramente esperança de novos começos, de alegria, de família.

Eles não chegaram além da barraca do coral quando a Sra. Camp, vestida com as roupas de regente do coral, a viu. Ela deu a Caroline um olhar significativo, um brilho nos olhos que adivinhava corretamente o motivo de sua presença aqui hoje. Eles nem tinham falado sobre isso, mas Caroline sabia que Julian não se oporia a eles se casarem, aqui, nesta igreja.

Não era a maior das igrejas de Londres, nem da moda que atraía os grandes homens e os bons aos seus serviços, mas era o lugar em que ela se sentia em casa.



Alguns dos assistidos regulares da Missão estavam vestidos com as melhores roupas de domingo e os outros com suas vestes de coral, que incluíam, para sua surpresa, O'Toole. O homem cortara o cabelo e a barba estava bem aparada.

Mais do que isso, havia uma vitalidade em seu rosto, seus olhos brilhantes e claros. Ela sabia que o reverendo Camp estava gentilmente afastando o homem da demoníaca bebida já há algum tempo, mas essa era a primeira vez que ela notou a mudança.

Ele se inclinou sobre a banca do coral para falar com eles.

— Estou feliz por você, moça, — disse ele. — Estou imaginando se você não se importaria de ser entregue por esse velho bêbado aqui quando chegar a hora certa, me dando a honra de caminhar com você pelo corredor da nave.

Caroline apertou o braço dele, sem saber se ela poderia responder sem lágrimas. Felizmente, Julian respondeu por ela.

— Mantenha seu calendário sóbrio por quatro semanas, Sr. O'Toole.

A mão de O'Toole disparou. Julian sacudiu.

— Você fez o certo pela nossa Nightingale aqui e não encontrará um amigo mais leal do que eu, senhor.

O reverendo Camp se aproximou, com a esposa pelo cotovelo.

— É bom ver você de novo, senhor, — ele cumprimentou Julian. — Estou certo de que você talvez queira discutir um assunto comigo depois do culto hoje?

— De fato, senhor, eu quero. Eu... a Caroline e eu gostaria que você fizesse nosso casamento.

— Então deixe-me fazer a honra de ler o primeiro dos banhos hoje.

O primeiro acorde do órgão anunciou o início do culto. Caroline começou a liderar o caminho para o banco deles quando Julian a tocou no braço.

— Veja quem está aqui para se juntar a nós?

Nos bancos estavam os Ridgeways e, ao lado deles, o visconde e a viscondessa Carmarthan, acompanhados pelo irmão de Alexandra, Phillip.

— Nosso primeiro Natal... não consigo pensar em nada melhor do que celebrá-lo aqui e juntos.



Fim



[1]Uma entrada coberta grande o suficiente para os veículos passarem, normalmente abrindo para um pátio.

[2]Scandiscope – George Smart (1757 / 8-1834) [1] foi um inventor britânico, conhecido pela invenção de um dispositivo para limpar chaminés, chamado de "escândiscópio". Ele foi premiado com a medalha de ouro da Royal Society of Arts em 1805 por sua invenção, devido ao seu potencial para interromper a prática de fazer crianças pequenas subirem pelas chaminés para limpá-las.

[3]O rouxinol.

[4]Barouche - uma carruagem de quatro rodas, puxada a cavalo, com um capuz dobrável na metade traseira, um assento na frente para o motorista e assentos voltados um para o outro para os passageiros, usados especialmente no século XIX.

[5]Gold Oriole – papa-figos.